

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

POHOROPHIWITËRI PË ã RII RË HAIWEI – A LÍNGUA MATERNA DOS
YANOMAMI DE POHOROÁ

EDINHO YANOMAMI YARIMINA XAMATARI

MANAUS- AM
2025

EDINHO YANOMAMI YARIMINA XAMATARI

**POHOROPHIWITËRI PË Æ RII RË HAIWEI – A LÍNGUA MATERNA DOS
YANOMAMI DE POHOROÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas como requisito final para a obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto.

Coorientador: Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto

**MANAUS-AM
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

X1p Xamatari, Edinho Yanomami Yarimina
Pohoropihiwitēri pē ã rii rē haiwei – a língua materna dos yanomami de
Pohoroá / Edinho Yanomami Yarimina Xamatari. - 2025.
101 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto.
Coorientador(a): Caio Augusto Teixeira Souto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.

1. educação. 2. puhi taamatima. 3. waika karina. 4. língua yanomami. 5.
interdisciplinaridade. I. Vasconcelos Neto, Agenor Cavalcanti de. II.
Souto, Caio Augusto Teixeira. III. Universidade Federal do Amazonas.
Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. IV. Título

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto – Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Dr. Davi Kopenawa Yanomami – Membro
Honoris causa

Prof. Dr. Paulo Roberto de Sousa - Membro
SEDUC/AM

Prof^ª. Dr^ª. Marilina Conceição Oliveira Bessa Pinto - Membro
Universidade Federal do Amazonas

“Nós também temos ciência”.
Edinho Yanomami

Dedico

A todo povo yanomami.

AGRADECIMENTOS

A minha família. Às lideranças Clemente Heawei Aramasi, Francisco Pukimapiweiteri, Almeida Xamatari Aramasi, Odorico Xamatari, Modesto, ao gestor Paulo Sousa e todos que contribuíram para esse trabalho. À FAPEAM pela bolsa de mestrado.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a cada um de vocês pelo apoio incondicional e pelas valiosas contribuições que tornaram nosso trabalho possível. O comprometimento e o pensamento colaborativo de cada um foram essenciais para nosso sucesso. Agradeço profundamente ao meu povo, às minhas raízes, àqueles que vieram antes de mim e que, com sabedoria, coragem e resistência, mantiveram vivo os conhecimentos que hoje me formam. Esta trajetória que venho trilhando - seja na escola, na universidade ou na vida - é também um caminho de memória. Uma memória que não se apaga, que pulsa na oralidade, nas práticas, nos rituais, nas curas, nas palavras e no silêncio de quem carrega consigo um mundo inteiro de conhecimento.

Por essa razão, posso me aprofundar no fortalecimento da cultura e da língua yanomami waika karina. Meus líderes do xapono foram fundamentais para a meu trabalho. Recebi grande apoio das lideranças do xapono Pohoroá. Eles contribuíram significativamente para esse trabalho. Esse trabalho só foi possível pela colaboração de todos, valorizando a colaboração de todos. Agradecimento especial ao meu orientador, Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto, que conduziu o trabalho com excelência.

RESUMO

A partir da trajetória de Edinho Yanomami Xamatari como estudante e professor da escola Sagrada Família, elabora-se uma autoetnografia refletindo questões sociais, linguísticas e históricas do povo yanomami do Rio Marauíá. A primeira parte do trabalho é uma reflexão sobre a presença da escola no xapono Pohoroá. A segunda parte realiza um inventário de narrativas orais que contam a história do grupo linguístico que se autodenomina waika karina, assim como a história de Horunami ao aprender a primeira palavra em outra língua yanomami. Por fim, objetivando gerar uma dissertação que seja de interesse de todos os estudantes yanomami, constroi-se um vocabulário yanomami.

Palavras-chave: educação, puhi taamatima, waika karina, povo yanomami, interdisciplinaridade

ABSTRACT

Based on the trajectory of Edinho Yanomami Xamatarí as a student and teacher at the Sagrada Família school, an autoethnography is developed that reflects on social, linguistic and historical issues of the Yanomami people of the Marauíá River. The first part of the work is a reflection on the presence of the school in the Pohoroá xapono. The second part presents an inventory of oral narratives that tell the story of the linguistic group that calls itself Waika Karina, as well as the story of Horunami learning the first word in another Yanomami language. Finally, with the aim of generating a dissertation that will be of interest to all Yanomami students, a Yanomami vocabulary is constructed.

Keywords: education, puhi taamatima, waika karina, Yanomami people, interdisciplinarity

LISTA DE SIGLAS

FAPEAM	Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas
SECOYA	Associação Serviço e Cooperação com Povo Yanomami
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01 - Mapa do Rio Marauiá. Autoria: EEISF.....	18
Imagem 02 - Serra de onde desceram os yanomamis mais antigos do Marauiá	71
Imagem 03 - Xapono Pohoroá.....	72
Imagem 04 - Vista aérea do xapono Pohoroá. Registro antigo.....	73
Imagem 05 - Xapono Pohoroá. Registro antigo.	73
Imagem 06 - Paisagem do Xapono Pohoroá. Registro Antigo.....	74
Imagem 07 - Jogo de futebol no xapono Pohoroá.	75
Imagem 08 - Anexo da Escola Estadual Indígena Sagrada Família em Pohoroá.....	75
Imagem 09 - EEISF Anexo do Xapono Pohoroá.....	76
Imagem 10 - Encontro de professores yanomami.	76
Imagem 11 - Edinho no encontro de professores yanomami.....	77
Imagem 12 - No estágio supervisionado em agroecologia, IFAM-SGC	77
Imagem 13 - No estágio Supervisionado	78
Imagem 14 - Construção do novo xapono Cachoeirinha.	78
Imagem 15 - Orientação com professor Agenor.....	79
Imagem 16 - Estudo sobre adubo no estágio supervisionado	79
Imagem 17 - Professora Terezinha Bueno	80
Imagem 18 - Odorico e Edinho em aulas do mestrado no xaponbo Balaio.....	80
Imagem 19 - Edinho e Modesto em aulas do mestrado no xapono Balaio.....	81

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo I – De Ihiru A Mestrando - Trajetória E Primeiras Inquietações	17
Capítulo II - A Língua Materna Yanomami No Xapono Pohoroá - Interferência Da Escola Na Vida Dos Moradores	21
2.1 - A Educação Escolar Nos Xaponos Do Rio Marauíá	25
Capítulo III – Waika Kãrina – Sangue Da Lua	28
3.1 – História Do Waika Kãrina - Caminho Até O Rio Marauíá	28
3.2 – Os Padres, As Professoras, A Missão E A Escola	29
3.3 – História De Horonami - Sobre O Ensino Da Língua	32
Capítulo IV - Vocabulário Yanomami	35
Considerações Finais	68
Referências.....	69
Anexo I - Documentário	70
Anexo II - Fotos.....	71
Anexo III - Autorizações	81
Anexo IV – Artigo Publicado Em Coletânea.....	85

INTRODUÇÃO

Há sempre diferenças entre nós, moradores da floresta. Praticamos línguas diferentes, dependendo do lugar onde moramos. Nós não entendemos todas as línguas yanomami, todos os corpos espalhados nessa terra falam dialetos diferentes. Sendo assim, quero analisar a língua yanomami do xapono Pohoroá, que fica em Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas, na Terra Indígena Yanomami. Eu sou professor, me chamo Edinho Yanomami Yarimina Xamatari e tenho 38 anos de idade. Nasci em 1984 no Xapono com nome na língua conhecido por *Sisimipihwei*.

Comecei a ser professor em 1999, há 12 anos, na Escola Estadual Indígena Sagrada Família. Foi assim até que eu fiz o curso magistério do Projeto Pirayawara, fiz esse curso que terminou em dezembro de 2013. Foi o início. Em 2010, a SEDUC me nomeou professor e atuei 13 anos e atuo ainda. Esses tempos eu estou seguindo a educação acadêmica e conhecimento metodológico científico da formação superior. Fiz a licenciatura indígena, Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável. No entanto, quero determinadamente puxar ainda mais meus estudos. Preciso de mais estudo para onde preciso chegar. Como estudioso do meu xapono, a contratação da SEDUC foi o caminho que podia me levar do outro lado do mundo yanomami, para entender o mundo ocidental.

Este trabalho foi sendo realizado no *Xapono Pohoroá*, com população de 209 indivíduos, 50 famílias morando desse *Xapono*, onde passam a dificuldade para aprender as crianças na língua yanomami. Tenho a honra e a necessidade de contar sobre a fala dos *ihiru* (crianças) yanomami. Para realizar esse trabalho da minha pesquisa *do Xapono Pohoroá* foi observado os falantes na iniciação na língua. Quero me desenvolver sobre a educação yanomami, para aprendizagem dos *ihiru*. É por isso que me pediram ajuda, a aldeia quer colaborar com esse pensamento, para relatar possibilidades na iniciação da língua materna junto a vida dos *rohote* (velho). A partir do convívio dos povos Pohoroapihiweiteri, o fato da educação científico acadêmica nos critérios ocidentais influencia a maneira da fala de *ihiru*, relativiza os aprendizados da educação yanomami.

Nesta dissertação, busca-se refletir sobre as transformações da língua Waika Karina. Basicamente, respondem-se as seguintes questões:

- 1 – Quais as palavras básicas para educar os *ihiru* (meninos) e *suwëhëru* (meninas) e fazer um vocabulário yanomami?;
- 2 – Quais as diferenças entre Waika Kārina dos *rohote* (velho) e dos *ihiru*

(meninos, crianças) ?;

3 – Qual história do termo Waika Kãrina?

Para isso, foi realizada uma pesquisa de coleta sobre a língua materna yanomami, a partir do mundo da educação escolar na realidade do povo do *xapono Pohoroá*, com a preocupação da fala dos *ihiru*, perante essa educação específica, como a educação temática científica de ensino da metodologia do napë pode ajudar as crianças yanomami no mundo que elas vivem?

Para alcançar esse objetivo geral foi preciso, primeiramente, escrever uma reflexão teórica sobre a formação do pensamento social na Amazônia a partir da perspectiva *yanomami* de ocupação do rio Marauiá. Em seguida, refletir sobre as transformações da língua *Waika Karina*, os modelos de educação presentes do rio Marauiá, a história da língua a partir da perspectiva yanomami. Por fim, elaborar uma lista de palavras para educar os *ihiru* – vocabulário yanomami-português;

Para realizar este trabalho tive a honra de conversar com a pessoa que viveu mais tempo no Xapono e buscar as informações sobre as coisas novas, do conhecimento científico e acadêmico, de produzir o texto através da minha pesquisa, onde os moradores do Pohoroá vivem. Neste trabalho um dos colaboradores foi o líder tradicional do Xapono. O nome dele Osias Amaroko Heawei Yanomami, ele tem a idade 49 anos, nascido em 1974.

A seguir, irei resumir e traduzir as palavras da liderança do xapono Pohoroá. A partir da fala dele, é possível perceber as necessidades de nossa gente diante das pesquisas como a minha. O tuxaua Osias Amaroko Heawei Yanomami fala do papel da liderança no seu Xapono, ele fala que o respeito dos seus habitantes e ele ressaltou também sobre a natureza e o que ele pensa como ele e líder do Xapono. Está dando uma orientação aos seus jovens para que ele não faça de deixar as coisas que não presta. Tem algumas coisas ruins que acontecem na vida da gente. O pensamento dele está preocupado em como vamos viver bem e com saúde. E a preocupação que ele estava pensando, que não queria deixar acontecer:

“- A vida adoce e não quero que apareçam o outro inimigo que ninguém conhece, as pessoas que andam na floresta (conhecidos como *onka*). Isso que a minha preocupação com vocês que não me obedecem a minha palavra. E eu não posso de lhe deixar faz mal a nossa mãe da natureza porque ela que nos oferece como sempre as árvores comestíveis como pataúá, bacaba, buritis e outras a mais.

E não envenenam os nossos rios e os igarapés e os peixes que vivem sempre no fundo do rio. Tudo que temos é a nossa alimentação nos locais próximos, ao redor do nosso *Xapono*. Tem que respeitá-los para vocês. Ao mesmo tempo, estou precisando da melhoria do nosso *xapono* e eu quero que vocês façam a grande plantação das nossas roças, que vai ter grande de produções das manivas, bananas e outras plantas. É por isso que faltam outras alimentações, quando precisarmos a colaboração vem da nossa festa. Preciso do aumento do total de alimentação para que não falte mais, que os nossos filhos não passem de fome.

Como eu líder do meu *Xapono*, tenho uma escola grande de alvenaria de 6 salas e eu oriento também os professores *yanomami* e não *yanomami* e os alunos, que não podem fazer as coisas que não presta. Somente preciso que realmente ensinem às minhas crianças coisas que presta, sempre deixo para aprender na escola, assim estou fazendo e eu quero que vocês aprendam bem. É para vocês mesmo que vamos cuidar daqui a mais tarde, quando eu não tiver mais vivo. É isso que oriento para os meus jovens e as crianças mais tarde levarei a nossa escola com vocês mesmo.

É isso que chamo atenção, e por isso a minha escola está firme e forte na minha aldeia *Pohoroá*, com os meus professores trabalhando com esta escola e na saúde. Todos com eles eu mostro também a educação *yanomami* para as pessoas da saúde, pois eles não conhecem a nossa realidade do nosso *Xapono*. Como que nós *yanomami* vivemos e como que nossas crianças aprendem? Isso só pode conhecer quem pode estar vendo nossa realidade.

E eu também falo da importância do respeito sobre os animais da floresta e não deixo matar muitos animais, porque é a minha preocupação das nossas crianças que estão vindo. Posso me preocupando em geração para geração, é por isso que eu não deixo. E todos nós vamos ter que preocupar daqui a mais tarde. A nossa geograficamente (terra) pode ocorrer problema das gerações futuras no convívio dos nossos filhos (falta de recursos). É por isso que eu chamo atenção de tantas pessoas, os jovens, mulheres, adulto, crianças. As mulheres não podem matar muitos caranguejos, só podem trazer pouco a pouco em cada dia.

Vamos evitando com isso, com a minha fala, e o sentimento em futuro que estou preocupado mesmo, pode me obedecer a quem pode estar vendo e vamos olhar junto, e o que está me preocupado. Mas no meu *Xapono*, onde vivemos e reunido com o meu povo, tudo que eu me preocupo para as pessoas eu estou dando o aviso para que eles não façam mal a um a outro, precisamos estar unidos. Não quero que fale ruim entre os professores *yanomami* e não *yanomami*, tem que trabalhar tudo junto, sério, na escola, caso contrário disso nunca vai melhorar nos seus trabalhos.

Como eu sou líder do *Xapono*, tudo eu comando, as atividades no *Xapono Pohoroá* e eles me obedecendo, então é isso, que eu falo com o meu povo dos moradores, tudo isso que temos as nossas alimentações ao redor do nosso *Xapono* não se estraguem e vamos saber se cuidar, por que é o nosso vivendo junto para evitar com isso, para que não falte que nós sempre tiramos tudo da natureza, tudo que eu vivo é do meu *Xapono*.” (Trabalho de campo, *xapono Pohoroá*, 2024)

É isso que este trabalho de pesquisa procura: é muito importante para nossa vida, onde estou morando junto desse *Xapono*. Precisava buscar a informação da minha aprendizagem, como que os líderes *yanomami* fazem e distribuem as tarefas em família. Isso é muito importante, tudo é respeito que ele fala para seus habitantes e o sentido que ele coloca é muito importante. Mesmo tempo falando da preocupação, este é a norma que ele colocou. Tudo isso que falou, onde tem as coisas sagradas, que não podem tocar se não a pessoa fica doente e morre. O líder tradicional que fala conhece os seus moradores.

Isso mesmo eu concordo a citação dele, por que ele que o conhecedor dos *hekura* da natureza. Junto com os *hekura*, ele que apontou que eu poderia fazer esse trabalho. Em síntese, busca-se continuar a tradição dos povos *yanomami* na região do Marauiá, isto é, a cultura valorizada e prática dos valores de sua língua. Por essa razão, um líder do *Xapono* é o organizador nas atividades tradicionais: como nas festas, nos rituais por esse motivo tudo a sua responsabilidade da cultura.

Por meio de uma etnografia, uma autoetnografia iremos elaborar um vocabulário para educação dos *ihiru*. Junto às entrevistas, esse trabalho mescla métodos de duas disciplinas antropologia e educação escolar indígena. Etnografia é a descrição dos costumes e tradições de um povo. A autoetnografia é a descrição de minha trajetória de vida. Nesse trabalho vai se comparar as informações das entrevistas do *rohote* e *huya* com a etnografia aqui proposta. Portanto a metodologia desse trabalho é uma triangulação entre entrevistas, etnografia e autoetnografia, refletindo epistemologicamente sobre as construções *yanomami* e as desconstruções científicas da minha trajetória, ou vice-versa.

CAPÍTULO I – DE *IHIRU* A MESTRANDO - TRAJETÓRIA E PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES

Eu sou professor, me chamo Edinho Yanomami Yarimina Xamatari e tenho 38 anos de idade. Nasci em 1984 no xapono conhecido como Sisimipihíwei. Comecei a ser professor em 1999, há 12 anos na Escola Estadual Indígena Sagrada Família. Foi assim até que eu fiz o curso magistério do Projeto Pirayawara, fiz esse curso que terminou em dezembro de 2013. Foi o início. Em 2010, a SEDUC me nomeou professor e atuei 13 anos e atuo ainda. Esses tempos eu estou seguindo a educação acadêmico e conhecimento metodológico científico de a formação superior, a licenciatura indígena e do mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM.

Hoje em dia os yanomami estão querendo avançar na educação formal não-yanomami. Quando eu era “vida de infância”, o meu pai e a minha mãe não sabia falar com a educação do *napë* e evitava onde era, vivia e não era domínio de falante da língua do homem yanomami. Pensavam como que eu seria o pensamento do futuro de aprendizagens no meu estudo de desenvolvimento do mundo de pensamento dos espíritos da natureza científica da minha realidade: o fenômeno da língua yanomami.

Quando eu entrei na escola, eu tinha 10 anos de idade e comecei como o aluno no ano de 1995 com a irmã professora Teresinha Bueno, de 1 a 4 série. Com essa professora muita corajosa que ensinava os filhos yanomami, no seu desenvolvimento de trabalho para aplicar o seu conhecimento por meio da sua metodologia de ensino baseada na sua educação formal. Naquele tempo era assim, não tinha o ensinamento sobre a língua yanomami na escola. Sempre nos alunos recebiam a “educação formal”. Passei muitas dificuldades, pois não tinha o conhecimento de falar na língua portuguesa. Sempre ficava com muito medo, quando a professora Teresinha pedia a leitura dos livros ficava para baixo a minha cabeça. Os outros colegas já sabiam ler, mas eu não conseguia de primeira. Ela mandava fazer os trabalhos nas tarefas, quase não respondia os exercícios, sempre o meu caderno ficava em branco.

Depois de 1997 comecei a conseguir um pouco na leitura e escrevia cada vez mais, assim foi conseguindo a pegar a informação do “outro” (não-yanomami): conhecimento da educação onde o *napë* aprende o formal acadêmico no ensino do meu estudo, que é a não comparação da língua yanomami com a relação da educação. Assim foi o caminho de estudo: levar a construção de mudar a minha vida do jovem yanomami

para a nova visão do mundo ocidental, da sociedade. Além dessa formação do pensamento escolar, quando os professores não yanomami proibiam a falar nossa língua yanomami, tinha que falar tudo na língua portuguesa na sala de aula. Quando isso aconteceu, ninguém sabia como seria ruim para a vida dos coletivos dos moradores yanomami do Rio Marauíá. Mesmo assim, sempre falava sobre quando cresci, como era a minha realidade, ao mesmo tempo eu fiquei aprendendo o mundo do homem “branco”, que ensina a qualidade de vida acadêmica na nossa escola Estadual Indígena Sagrada - Família no Xapono Pohoroá.

Imagem 01 - Mapa do Rio Marauíá. Autoria: EEISF.



Essa característica e inquietação que me faz a pensar sobre a língua yanomami no Xapono Pohoroá. Sobre a importância da fala do *ihiru*, que é aprendizagem no mundo do *ihiru*. Uma preocupação: como que o *ihiru* aprende no mundo hoje em dia? Isso foi muito importante para fazer esse trabalho, a ideia é, futuramente, produzir materiais didáticos sobre a língua yanomami a partir dessa pesquisa acadêmica.

Com esta preocupação, já comecei a observar a fala do dialeto do *ihiru* na vida cotidiana da realidade yanomami, isso para mim é o mais importante dessa pesquisa, entender o dialeto da infância do *ihiru* na língua yanomami que se fala no Xapono Pohoroá através da cultura, da observação e da imitação dos adultos. Para produzir esse primeiro trabalho, iniciado na graduação intercultural indígena, o meu interesse é sobre a língua yanomami na minha realidade diante do conhecimento do “outro” – da visão do mundo ocidental.

Os povos yanomami que vivem no contexto indígena yanomami, recebem a educação em casa, no *xapono*, e fora de casa, na prática e na oralidade. Tudo que o povo adulto faz, as crianças sabem fazer. Assim inicia a aprendizagem dos *ihiru*. Povo indígena yanomami pratica a educação por meio da transmissão oral de conhecimentos e tradições, de geração em geração. Temos um sistema de educação baseado na observação e na participação ativa das crianças nas atividades cotidianas da comunidade. As crianças aprendem habilidades práticas. Aprendem como se fala o dialeto da caça, da pesca, da coleta de alimentos e da confecção de objetos através da observação e da prática junto aos membros mais velhos da comunidade, os especialistas nessas atividades.

Além disso, os yanomami tem seus próprios rituais e cerimônias xamânicas, que desempenham um papel central na transmissão de conhecimentos xamânicos e de cura. Os jovens são iniciados nesses rituais ao longo de seu desenvolvimento, aprendendo a interpretar sonhos, a se comunicar com *hekura* (espíritos) e a usar plantas medicinais. Essa é a metodologia yanomami de formar especialistas em certos tipos de conhecimento, muito estudada por cientistas ocidentais de várias áreas do conhecimento.

Para aprender sobre a pesquisa do povo indígena yanomami, você pode explorar fontes acadêmicas, livros, artigos e documentários que abordam sua cultura, história e as pesquisas realizadas em suas comunidades com recursos de antropologia, etnografia e estudos indígenas podem oferecer valiosas contribuições. Nossa língua é vital para a transmissão dos conhecimentos desse povo indígena.

Os yanomami do xapono Pohoroá formam uma comunidade indígena que habita a região do Rio Marauiá, compartilhando uma forte ligação com a natureza. Nossas crenças são profundamente espirituais, envolvendo a interação com seres espirituais da floresta, como *hekura kēpē*. Realizam rituais, como o *yakoana*, para se comunicar com esses seres e promover a saúde da comunidade. Suas práticas espirituais muitas vezes refletem uma cosmovisão que valoriza a harmonia com o ambiente natural.

Para isto, a língua yanomami é fundamental para as crianças dessa comunidade indígena, pois é um elemento central de classificação e organização dos seus conhecimentos. A língua é essencial para transmitir tradições, conhecimentos e valores específicos da comunidade, promovendo a continuidade da cultura yanomami. O uso da língua na educação contribui para uma conexão mais profunda com a história e os modos de vida tradicionais, fortalecendo a coesão social e a autoestima das crianças yanomami.

Abrangendo partes Brasil e da Venezuela, o desenvolvimento de línguas yanomami é resultado da interação entre seu Xapono ao longo de gerações, moldada por fatores culturais, geográficos, históricos e tecnológicos.

O yanomami de Pohoroá se desenvolveu organicamente dentro do xapono, adaptando-se às necessidades e experiências específicas desse grupo ao longo do tempo. Xapono são grandes estruturas circulares que abrigam várias famílias. A vida social é central para os yanomami, e suas práticas culturais, no entanto enfrentam muitos desafios, como o desmatamento e doenças introduzidas.

Há sempre diferenças entre nós, moradores da floresta amazônica. Nós praticamos línguas diferentes, dependendo do lugar onde moramos. Nós não entendemos todas as línguas yanomami, todos nós somos corpos espalhados nessa terra e falamos dialetos diferentes.

Este trabalho de pesquisa está sendo realizado no xapono Pohoroá, que tem a população 209 pessoas e 50 famílias morando juntas, onde passam a dificuldade em aprender-ensinar as crianças a sua língua. Por esses tantos motivos, tenho a honra e a necessidade de escrever sobre língua dos *ihiru* yanomami.

Para realizar a minha pesquisa no xapono Pohoroá, estou observando os falantes na iniciação da língua, observando a educação yanomami na prática, para aprendizagem dos *ihiru*, da minha família e dos meus alunos. É por isso que me sinto na necessidade de ajudar a minha aldeia para colaborar nesse pensamento yanomami. Para isso, vou relatar como acontece a iniciação da língua materna, a vida junto aos *rohote* (velho), o

fato da educação científica-acadêmico na fala de *ihiru*, de relatividades dos aprendizados yanomami na educação e das temáticas que surgem no convívio dos povos Pohoroapihiweiteri, palavra que significa “os yanomami de Pohoroá”).

CAPÍTULO II - A LÍNGUA MATERNA YANOMAMI NO XAPONO POHOROÁ - INTERFERÊNCIA DA ESCOLA NA VIDA DOS MORADORES

A educação yanomami se refere a iniciar a aprendizagem das crianças yanomami da sua língua. É usada principalmente para comunicação oral dentro da comunidade yanomami. Embora não haja forma escrita padronizada da língua, alguns linguistas têm trabalhado na documentação e descrição da língua yanomami. A diversidade linguística é um aspecto fundamental da riqueza da cultura e é importante valorizar e preservar as línguas indígenas yanomami na realidade do xapono Pohoroá. Como que vive o povo? Com está a sua língua?

É importante destacar que cada comunidade indígena possui sua própria língua e cultura na sua realidade, a criança inicia a falar entre a sua família. Mas como as crianças yanomami aprendem na língua? A criança nasce e não sabe falar, mesmo assim quando completa a idade de 1 ao 2 anos já inicia falar mais não vai pronunciar direito as palavras. Enquanto isso, os pais e a mãe e os irmãos ensinam a falar, a primeira palavra da fala normalmente é: *nape* (mãe) e *hape* (pai). Assim vai falando algumas palavras, e falando o nome dos animais como: (*paruri-mutum*) (*iwa-jacarê*), mesmo que fala na língua e a necessidade de dificuldade de aprender.

Sempre os pais, irmãos ensinando a oralidade, quando completa 2 anos, um pouco vai melhorando na fala e vai continuando no ensino, até que ela domina só devagar, a pronúncia de fala de suas famílias. Não é fácil de aprender no início, é assim a prática da nossa língua. Esse a metodologia dos *ihiru* é oportunidade de novos conhecimentos. Depois de começar a falar tudo certo e crescer, começa a sair em outros espaços e procurar o amigo ou amiga para buscar outras informações do conhecimento do outro. Aí se juntam em grupos de crianças e começam a fazer outra atividade com o que foi aprendido na família: como caçar calango, matar pássaro, pescaria, preparar a flecha e nas brincadeiras. E nunca vai ficar mais tempo em casa, todo dia vai colhendo a produzir nova metodologia de educação temática do povo yanomami.

Esse é a forma fundamental da educação científica yanomami para os *ihiru*. Este *puhi taomarewë*¹ yanomami da criança, que recebem as aprendizagens em todos os momentos do dia como: nas músicas, as pinturas, na festa, na história, na conversa dos *hekura* (especialista em cura) e os *pata-pata* (velhos sábios). É isso que todo dia se aprende, porque o *ihiru* é o observador de coisas novas. Esse é a premissa da educação yanomami que compõe e afeta as crianças e fortalece sua língua e sua cultura.

E seguindo seus caminhos e construindo novos pensamentos, passando vários espaços de comportamento, no esforço de dominar a compreender e valorizar a sua intelectual educação. Aprendizagens presente na nossa realidade, metodologias: yanomami, científica e acadêmica. Perante esse desenvolvimento do nosso modo de viver, onde os nossos filhos nascem e onde educamos as crianças.

É isso no início da criança, perante o impacto acontecendo no xapono, neste período a língua yanomami está se interferindo, e foi avanço da educação acadêmica. Por causa disso, hoje está chegando muita tecnologia de industrializado do não yanomami, como: celular, televisão, placa solar, inversor além disso se começou o impacto da realidade do xapono yanomami na região de Marauíá. Muitos jovens da aldeia não querem mais cumprir aquela cultura. Isso está querendo se complicar a vida dos moradores, pois gera conflitos.

A ressignificação de identidade yanomami refere-se ao processo em que, o povo yanomami ressignifica a identidade por meio de suas práticas culturais, tradições e formas de organização social. A identidade yanomami é construída a partir de uma forte conexão com a terra, a natureza e os ancestrais. Comunidade yanomami, uma etnia indígena na região amazônica, adapta sua identidade cultural e social diante de mudanças históricas, contatos externos e desafios contemporâneos com a relação dos yanomami com o meio ambiente natural é fundamental para sua identidade.

Isso envolve a continuidade de tradições e a negociação com novas influências externas. Além disso, a língua, a música, a dança e as cerimônias tradicionais desempenham um papel importante para nossa identidade, visto que sua existência está ligada a preservação e harmonia do mundo natural ao seu redor. Essa conexão profunda com a terra e a natureza molda sua identidade coletiva, marcando sua diferença diante do mundo não-yanomami nacional. Que uma identidade que incorpora elementos do passado e do presente. A ressignificação de identidade do passado e do presente envolve

¹ Tradução livre: Puhi = Pensamento; Taomarewë = ensinar. Ensinar o pensamento. Mesma palavra para professor (Nota do orientador).

a reinterpretação e adaptação contínua de elementos culturais, sociais e históricos para a realidade atual. Em relação aos yanomami ou a qualquer grupo, isso implica em incorporar tradições ancestrais na vida desde contemporânea do povo, lidar com mudanças sociais e ambientais da natureza, e buscar equilíbrio entre a continuidade dos conhecimentos indígenas e a resposta às demandas do mundo da ciência cultural yanomami do mundo “moderno”. Esse processo reflete a dinâmica conflituosa entre a herança cultural e as influências em constante evolução.

O falante criança na aldeia Pohoroá é iniciado conhecendo o nome dos objetos, como: *yorehi* (paneiro), *xereka* (flecha), conforme o pai educa a oralidade, a criança sempre está aprendendo a falar. Por tanto, é tudo lugar o *ihiru* aprende muito, quando o pai leva no mato já ensina como colher as frutas *kete*, e na pesca, nas roças como plantar as manivas ou a outras plantas. Tem a maneira de metodologia de ensinar os *ihiru*, como a cultura, histórias sobre *hekura* espírito, *wãyamou* rituais e nas reuniões. Tudo isso é o espaço da criança onde se aprendem tudo dia em que se passa.

O *xapono* é a nascente da língua yanomami. Uma criança que cresce tudo tempo já pegando maneira de dominar o ritmo de aprendizagens na fala da sua família ou com seus irmãos e com a outras crianças. Isso é muito importante para a nossa língua, é por isso nós vamos valorizar e evitar a falar mal dos nossos *rohote* (velhos) que é mais importante.

Nesse método *puhi taamatima* (educação), o pai ajuda de ensino e acompanham sempre, em família, onde vivem, junto em moral. O *ihiru* recebe assim, *puhi taamatima yanomami* no *xapono Pohoroá*. Esse é o primeiro passo do *ihiru*, que compreender e colher a sua aprendizagem no mundo moderno científico ocidental. O *ihiru* sempre é o participativo todas as atividades que está realizado no seu *xapono*, pode ser que vai sair como educador na sua língua e mais tarde já conhece bem onde a língua nasce e como que desenvolve a inicia falar e conhecendo a regra de originalmente.

É assim que vive o povo yanomami na sua região, com tudo isso foi pensado a partir de uma observação da língua dos *ihiru*. Este trabalho foi realizado sobre a língua na aldeia Pohoroá, e pode ser apresentado com o domínio de histórico de saberes de ciências humanas. É preciso aprofundar o meio sociocultural dos falantes do povo, isso é a minha preocupação com a comunidade de visão do mundo moderno e assim as crianças se envolvendo e depois não mais falante da sua língua, isso não se percebe ainda na vida yanomami.

Esta é uma preocupação de futuro, porém quem pode estar fortalecendo? Como

o povo da aldeia pode de ficar no olho nesse impacto, para que não aconteça daqui a mais futuro e ninguém está percebendo a interferência na comunidade? Essa dissertação é uma arma da língua materna tradicional yanomami para os futuros gerações de crianças. Portanto foi assim, está envolvendo nesse hábito de educação yanomami e educação formal ocidental do mundo moderno, preciso que uma valorização desse conhecimento científico tradicional que não podia desaparecer e ser desvalorizado de nosso acolhimento do método yanomami, porque é mais importante de aprendizagem da educação temática de ensino. Como hoje em dia que está fazendo impacto na cultura? A criança de hoje não sabe o que é cultura e nem a língua, ao invés disso, ensinam na escola para que conheçam os saberes de conhecimento de ciências da natureza.

O avanço da tecnologia tem tido impactos limitados na vida dos yanomami, um povo indígena na região de Marauíá. Muitas comunidades yanomami vivem de maneira tradicional, com pouco acesso a tecnologias modernas na área dos yanomami na região de Marauíá. No entanto, elementos externos têm trazido desafios, como impactos ambientais e ameaças a sua saúde. A tecnologia pode ser usada para capacitar os professores yanomami, fornecendo-lhes acesso a treinamentos e recursos educacionais. Isso pode ajudá-los a melhorar suas habilidades de ensino e oferecer a vida dos moradores da aldeia uma educação de qualidade para os alunos pode facilitar yanomami e a outras comunidades equilíbrio entre a preservação da cultura indígena e os desafios trazidos pela modernidade é um tema complexo e em constante evolução.

O modo como as tecnologias chegaram a grupos indígenas pode variar e depender de diferentes circunstâncias, incluindo interações com organizações não governamentais, governo locais ou contato culturais. É importante consultar fontes mais recentes ou é essencial especializadas para obter informações atualizadas sobre o tema, por essa situação pode. Avaliar se a tecnologia representa uma valorização para a cultura yanomami é complexo, pois depende da perspectiva cultural e das necessidades específicas da comunidade.

Alguns aspectos da tecnologia podem trazer benefícios, como acesso a informações e comunicação, mas também podem apresentar desafios e impactos negativos. A análise seria mais precisa considerando as opiniões e experiências diretas da comunidade yanomami em relação a tecnologia. Pontos positivos, por exemplo, eles podem usar a tecnologia para compartilhar a sua história tradicional.

1- Documentação digital:

Criar recursos digitais para documentar e preservar narrativas, mitos e práticas

culturais yanomami.

2- Compartilhamento de conhecimento:

Facilitar plataformas digitais para que os yanomami possam compartilhar seu conhecimento com o mundo, promovendo a compreensão e preservação de sua cultura.

3- Mapeamento cultural:

Utilizar tecnologias de mapeamento para registrar territórios e locais significativos para os yanomami, ajudando na proteção de sua terra e identidade.

4- Educação online:

Desenvolver recursos educacionais online que respeitem e incorporem os princípios do conhecimento tradicional yanomami.

2.1 - A EDUCAÇÃO ESCOLAR NOS XAPONOS DO RIO MARAUIÁ

A partir da dissertação de Daniel Jabra (2022), penso a relação da educação nos os Xapono yanomami de região Marauíá nos seguintes termos. No ano de 2000 estavam funcionando as duas escolas. Uma é diferenciada (SECOYA) e outra formal (SEDUC), Quem cuidava da educação formal eram os missionários. A diferenciada era cuidado de uma ONG, a SECOYA.

No alto Marauíá não funcionavam as séries iniciais. Quando os religiosos chegaram, foram realizando a educação no povo yanomami, que não sabia sobre isso. Assim mesmo eles nem comparavam o seu conhecimento. Onde os nossos pais moravam, uma escola foi trazida pelos missionários salesianos. A sua religião para catequizar aos yanomami na sua metodologia de ensino e na sua experiência para o povo yanomami, trouxeram catequese, saúde e educação.

Desde 1960, os missionários salesianos chegaram para transformar e espalhar o conhecimento formal acadêmico na vida dos moradores da aldeia. Quando da chegada na área yanomami, começou-se a funcionar continuamente a educação formal acadêmica. Naquele tempo nem todas aldeias não tinha a escola dos salesianos. Onde funcionou a primeira escola: no xapono Komixiwë; e depois, a segunda, em 1980, no xapono Pohoroá. Para lá foi transferido o anexo da escola Sagrada Família.

Nessa escola só funcionava a metodologia por séries iniciais, de 4ª a 5ª série, só

numa língua do homem branco, o português. Nessa educação, não se pensava a realidade do povo yanomami. A sua educação temática é diferente do nosso costume. Antes não foi consultado aos yanomami sobre alfabetizar. Isso aconteceu assim a primeira vez e nem sabíamos o que era mal. Foi assim que a uma educação formal começou com a sua vivência com o conhecimento científico do povo yanomami. Por esta razão, o autor Daniel Jabra (2022) colocou esta ideia. Mas foi uma metodologia de ensino antiga que foi aplicada nesse tempo.

Além disso, a nossa escola estadual indígena sagrada família diante do ensino de língua portuguesa, na sua religião batizaram alguns alunos e algumas lideranças do xapono. Nem todos do xapono que queriam ser batizados. Quando nós professores yanomami fomos recebidos com batismo, nem todos professores foram batizados. Porque os outros professores queriam entender primeiro o que é a religião, como funciona o ensino de religião.

As duas escolas funcionam hoje, SECOYA e SEDUC. Em cada uma sua metodologia de ensino. É por isso que a escola diferenciada ficou contra à Escola Estadual Sagrada Família, porque fazia o movimento esportiva realizado como sempre: torneio em cada xapono. Além disso, com os professores yanomami do alto Marauiá se ficaram muito preocupados quando a escola formal fazia movimento, sempre praticava o cerimonial quando fazíamos torneio.

Todos os xapono eram convidados para participar do evento de torneio. Sempre os professores yanomami e não yanomami acompanhavam os seus atletas de time. Alguns professores de alto Marauiá não participaram neste evento. Nós enviamos convite. A preocupação deles era que nós estávamos acabando a nossa cultura. Nós praticávamos a ideologia do napë, como: funcionava a educação infantil de ensino fundamental de manhã. Havia também funcionando o tecnológico de ensino, do 6ª ao 3º ensino médio.

Com tudo isso o povo de Marauiá estava contra a nossa escola. Isso se cobrava muito nas reuniões, queriam acabar o instrumento de funcionamento da nossa escola. nós não estávamos só praticando a cultura do homem. Mas nós, professores, já trabalhávamos nas salas de aula interdisciplinar as nossas crianças com: matemática, língua português, arte, etc. Deste tempo, já existia a preocupação sobre educar nossas crianças na nossa língua yanomami. Para que nós vamos preparar primeiro o ihiru na língua materna yanomami, a segunda língua é o português. É por isso que existe, hoje em dia, a disciplina língua indígena aplicado com os ihiru para os que não conhecem as

palavras yanomami. Esse foi o pensamento desse trabalho, palavras que contemplam e formam o mundo do ihiru.

Na escola diferenciada, a sua metodologia não é com o objetivo de desenvolver as séries iniciais com as crianças. As crianças não eram matriculadas na escola se faltava a certidão de nascimento. A escola funcionava sem documentos. Trabalham os professores yanomami e não yanomami. Essa metodologia de ensino diferenciada, através de sua importância, ensina a realidade do povo. Esse era o objetivo, mas essa situação era muito diferente. A cada semana os professores trabalhavam 3 dias e tiravam as folgas como dia de feriado no calendário do napë.

Todos os xapono do alto Marauíá não queriam a escola sagrada família porque a escola é construção dos salesianos. No ano de 2022, todas lideranças foi pensando a unificação de uma educação formal. Não há mais escola diferenciada no Marauíá. Para entrar de acordo fizeram um debate e resolveram, todos os povos do Marauíá. Foi aceito o anexo da escola estadual indígena sagrada família. E logo a SEDU reconheceu todas as matrículas dos alunos da escola diferenciada. Antes não era reconhecido pela seduc e seus professores foram contratados pela seduc para desenvolver o seu trabalho de acordo o calendário, conseguiram.

Agora nós unificamos só um anexo da escola. Todos nós estamos só num caminho. Trabalhamos junto com as disciplinas com plano interdisciplinar, ensinando a importância da nossa própria língua e todo dia tem aula sobre a língua yanomami.

Perante esta nossa nova escola está se preparando o povo yanomami lutador de seus direitos e deveres, a organizar o pensamento para conhecer como funciona o mundo do napë. O yanomami nunca vai ser como napë. Seja onde for, sempre ele vai estar levando a sua identidade no rosto. Ele pode aprender as coisas emprestados com os napë, mas não pode ser o napë. Também ensinamos isso.

Os yanomami podem lutar nas reuniões, nas assembleias e no conselho para defender a sua saúde e educação. É para isso que a escola nos prepara, em geral. A vida profissional, de argumentar seu pensamento e construir uma vida melhor para si mesmo. A educação é uma forma que prepara a pessoa com uma profissão, como: pessoa colaborador, multiplicador, doutor, professor, pedagogo. Assim a escola mostra o caminho para nós yanomami. Precisa-se muito aprender com os napë, assim a escola está preparando os alunos yanomami, não pra ser um napë. Assim outros xapono pensam, mas não é. Ao invés disso, a escola organiza o pensamento da pessoa. Hoje em dia, estamos juntos nos preparando para lutar nas nossas reivindicações, para que cresça a nossa

autonomia para sempre.

CAPÍTULO III – WAIKA KĀRINA – SANGUE DA LUA

A história, por trás do grupo Waika Kārina, não está ligada somente à questão linguística, mas à questão territorial e à questão das mudanças e divisões dos grupos que se formaram ao longo do rio Marauiá a partir de 1960. Os mais antigos começaram a se aproximar do rio e aí os “clãs”, como denominam os napë, acabaram fazendo essas divisões. Assim se originou o grupo yanomami que fala e reconhece sua língua materna como Waika Kārina.

Em resumo, uma parte desse grupo que saiu das montanhas na fronteira entre Brasil e Venezuela vai para o Cauaburis, e formam os xaponos de Nazaré e Maiá, um outro grupo fica no Marauiá. Os Xamatari vêm depois, entram em contato com o pessoal do Pohoro, que já habitava muito antes a região do Marauiá. Pohoroá é o primeiro xapono e já estava ali antes da região ser habitada pelos napë.

E é a partir daí que essa língua, assim como um dialeto, vai surgir, do encontro entre os xamatari e os pohoroapihiweiteri, a partir de 1960, período em que ocorre a ocupação yanomami do Marauiá, como afirma Tamara (MIRANDA, 2020). Então, é dessa forma que se entende a língua Waika Kārina. Na verdade, não é bem uma língua como está dividido pelos linguistas e antropólogos que estudaram nosso povo (RAMIREZ, 1990; BALLESTER, 2018).

3.1 – HISTÓRIA DO WAIKA KĀRINA - CAMINHO ATÉ O RIO MARAUIÁ

Então, naquele tempo, o povo que morava lá na Venezuela, só o grupo que está lá, estão morando lá. Esse grupo era grande, o xapono deles. Depois que eles fizeram a divisão, a casa de briga por conta das mulheres. A partir desse conflito, os outros grupos surgiram, o que veio primeiro, foi o grupo do Maturacá. Então, esse grupo que vinha primeiro, varando o caminho, e logo o segundo grupo saiu nesse caminho, o grupo de Maiá, foi eles que seguiram esse caminho. Depois, o terceiro grupo que saiu, é do grupo Karawētari. Este nome é o lugar que eles moravam, Karawētari. O nome do xapono deles, é o Karawë.

Em seguida, este terceiro grupo, é o nosso grupo, o grupo do xapono Pohoroá, é

o nosso povo. Vai vindo, e comendo, e levando as suas plantações. As plantas das pupunheiras, bananas, batata e taioba. Para eles já plantar. O grupo que saiu primeiro, já tinha feito a roça que eles comiam. Depois, o nosso grupo que veio, e foi chegando aqui no Marauiá, na nossa floresta Amazônica. Este grupo Karawětari, que chegou aqui na nossa terra. Um grupo só, nada de separação.

Eles fizeram um outro xapono, chamado Hãyanæ. Este lugar foi feito perto da montanha, em cima da montanha. Eles fizeram um xapono grande também, porque era um grupo grande. Fizeram as roças, e levantaram as casas, que eles moraram aqui. Onde o Pohoro mora. Com este xapono antigo, fizeram em cima da montanha. Lá que eles viviam, muitas pessoas. E depois que eles conseguiram fixar este xapono como a sua moradia. Todos, o povo Karawětari, era terra firme que eles moravam.

Depois, eles foram visitar outro xapono. Lá, onde eles se chamavam Këpropëteri, que é o pessoal do Aracá. Foram visitar este xapono. E depois, de volta deles, já tinha trazido a uma doença, que é uma epidemia chamada sarampo. Eles levaram para a sua aldeia. Todos os povos morreram. Nem sobrou nada. Só algumas sobraram, se juntaram de novo e conseguiram viver. E logo, lá que eles se dividiram. Porque continuou a briga entre eles.

Um grupo veio aqui para o baixo Marauiá. Este grupo, chamado Irapaxiteri. Que é hoje em dia o xapono do Bicho-Açu. E eles se chamavam Irapaxiteri. Estes Irapaxiteri já desceram para cá. Baixo Marauiá. Outro grupo foi Pukimapïweiteri. Já é Pukima. Outro grupo ficou no Pohoró. Este é o meu grupo, o meu povo. Onde eu morava.

Então, foi assim que se dividiu o xapono entre eles. E foram morando na beira do rio Marauiá. Agora, nós estamos morando sempre no Marauiá. Nada de centro mais. Assim que eles se dividiram. E que eles receberam o contato dos padres do Pukimapïweiteri. E depois, os padres foram visitando em caminho do povo Yanomami.

3.2 – OS PADRES, AS PROFESSORAS, A MISSÃO E A ESCOLA

Os padres sempre conseguiam visitar o povo Yanomami no caminho, não pelo rio. Este grupo, onde os padres conseguiram construir a missão, é a missão Marauiá. Porque morava outro Yanomami no Marauiá. Porque já foi dividido, né? Então, os padres encontraram com este grupo e construíram uma missão. Que é o colégio. E começaram a visitar onde outros Yanomami moravam. Como por exemplo os Xamatá,

Pohoro e Pukima. Aí eles visitaram e convidaram para morar na beira do rio Marauiá. Assim que conhecemos o homem branco.

Aquele povo não conhecia nem um homem branco. Por isso, eles ficavam com medo, assustados. Porque os padres sempre ficavam armados. É por isso que os Yanomami ficam sempre com medo deles. Porque não conhecem. Estes padres conversaram em cada grupo. Já que em contato com eles se criou aliança para o povo. Aí depois, o povo sugeriu construir um xapono na beira do rio.

Nós, Pohoro, o povo do Pohoro, morava primeiro. Em um lugar chamado Xitipapiwei. Eles, os padres, chegaram lá. De helicóptero e pelo caminho. E participavam da festa deles. E bebia mingau de banana, que é a mistura do osso da gente, de um morto. Foram assim conquistando para ser amigo com os padres. Aí eles convidaram. “-Então, vocês querem trabalhar nos seringais? Eu posso arrumar a arma para vocês usarem... as redes, as roupas. E essas coisas para trocar. É uma troca”. Porque naquele tempo, não era muito conhecido como os materiais do napë-poowëteri. É por isso, o povo Yanomami fazia seringa. Para eles trocarem os materiais. O terçado, o machado. Para derrubar a roça. Awei?

E depois foi acontecendo isso. Onde os pohoroapihiweiteri moravam, os padres fizeram uma reunião para ter uma educação. Um espaço escolar. Para ser construído. Foi isso que o povo aceitou: - “-Pode sim, nós não queremos ficar sem escola. Então, precisamos construir”, o povo falou. Então, os padres. Enviaram uma professora chamada Terezinha Bueno e a professora Rogéria Moraes de Bueno. Essas professoras corajosas que chegaram primeiro para alfabetizar os Yanomami. Mas não iniciaram a alfabetizar com a nossa língua. Direto alfabetizando em português. Na língua do homem branco.

O povo de outros lugares do Marauiá ficou sabendo como funciona a escola. Então, a professora pensou. “-Não, eu estou aqui no meio do mato. Pelo caminho é muito longe. Até a Missão Marauiá. Então, eu acho que nós vamos morar na beira do rio. Para ser mais perto da Missão Marauiá quando nós vamos descer. Então, acredita que a professora conversou com o chefe do xapono e o chefe aceitou.

“-Então, vamos ver primeiro o lugar. Onde nós vamos fazer o nosso xapono”, o povo respondeu. E foram para ver o rio junto com a professora. Chegaram na beira do rio. A professora Encontrou um lugar bom: “- Aqui vocês têm que construir o Xapono. A escola vai ser aqui”. Então, eles marcaram e derrubaram onde seria o xapono. Onde vai ser a escola. Voltaram no Pohoroá-centro. E todos querendo ir para lá.

Mas outro grupo foi também, de outro xapono, chamado de ãiamona. O outro grupo ia sempre, estavam em contato também. Depois, esses dois grupos, do xapono Pohoroá-centro e ãiamona, conversaram muito. Fizeram a reunião e decidiram: “ - Nós não queremos a divisão mais. Nós vamos morar todos juntos. Aqui na beira do rio”.

Era o rio Irapirapi. Originalmente na língua kapirota. Rio Kapirota. Ali se juntaram. E foram todos para a beira do rio e construíram um xapono bem grande. Depois, a escolinha foi construída. A prefeitura que deu essa escolinha. Depois. De 1992 começaram a construir uma escola estadual da Seduc mesmo. Quem construiu foi um pessoal italiano. Pessoas estrangeiras que construíram essa escola de alvenaria lá do Pohoroá de quatro salas.

Assim foi se criando uma educação para os Yanomami. Para tratar de alfabetizar os Yanomami. Depois disso. Os outros, outros grupos, como Pukima, pensaram em morar à beira do Marauiá. Foi isso. Conseguiram morar na beira do rio. Porque os padres convidaram.

Então, foi assim que o povo se dividiu e se juntou novamente nesse momento. Depois, foi assim que os povos moraram no Marauiá. Foi dividido. Como Bixu-açu. Apuí, Curuá. Taracuá. Serrinha. Jutaí. Balaio, Ixima. É muito xapono agora. Eles viviam só em um grupo. Quando eles dividiram surgiu muito xapono no Marauiá. E vai continuando dividido. Agora o povo está fazendo isso.

Foram os Poowëteri que chamaram os yanomamis. Para morar a beira do rio. E depois, depois, com a nossa língua sempre funcionava. Sempre. A nossa língua originalmente funcionava. Quando a escola chegou começou a contrariar.

Assim o povo fez. Eles saíram de lá, onde eles moravam, primeiro lá na Venezuela. Já havia esse nome, Waika Kãrina, onde este povo morava. Este povo é o sangue da lua. O sangue de lua derramou de lá e aí surgiu muita, muita gente.

Lá sempre está acontecendo a briga de flecha. O nosso povo. Fizeram. Com este nome. Waika Kãrina. Os nossos avós que vieram como Waika Kãrina. Já onde o sol se põe, que é final. É o final. É Maturacá. Para frente não tem mais yanomami morando. Agora é final. Eles chegaram. Na ponta das montanhas. No topo das montanhas.

É por isso que eles se chamam: “- Nós somos Waika Kãrina”. Agora, onde eles sobraram. Quando o povo saiu de lá, onde eles moravam primeiro. O povo de lá que sobrou é chamado Xamatari. Porque o sol nasce onde eles ficam. Nós é Xamatari. Nós é Waika Kãrina.

O povo que vinha, já vinha assim, misturado. Quando eles chegaram aqui já

surgiu outro povo, os Ironasiteri. Mesmo grupo. Mesmo grupo que eles chamavam Ironasiteri. Geralmente, também conhecido como Karawētari. Porque eles moravam no Karawē. Que significa uma pedra grande.

Então nós somos. Waika Kārina. Não é Xamatari, awei? Porque nós, no final morando aqui. Junto com Maturacá, Nazaré. Essas coisas. Nós somos Waika Kārina. Onde o sol desaparece, nós somos Waika Kārina. Como os outros, pra lá onde o sol nasce. São chamados Xamatari. Assim o meu pajé contou.

Nós somos. Waika Kārina. Porque somos falantes da nossa Waika Kārina aqui no Amazonas. Já tinham trazido de onde eles [os primeiros] saíram [da Venezeula]. Assim que surgiu essa língua. Isso que estou entendendo sobre Waika Kārina. O povo daqui é diferente. Se você ver, o corpo daqui é diferente. O povo lá de Roraima fala Xamatari. É por isso. Que quem é estudou sobre o Yanomami. Confunde muito. Mesmo os antropólogos que passaram por aqui, como Henrique Ramírez (1990); Tamara Miranda, 2020; Daniel Jabra (2022) e Anne Ballester (2018).

3.3 – HISTÓRIA DE HORONAMI - SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA

O Horonami foi o primeiro a morar lá. Ele andava sempre no mato. Não é à toa que ele andava. Ele estava procurando a comida. Naquele tempo, não tinha a comida da roça, nem a banana, nem a pupunha, nem as manivas. O povo dele comia só algumas frutas, que não é comestível. Então, através disso, para sustentar o povo dele, sempre ele andava de procura, a comida de verdade, das plantas, das roças.

Horonami quando saía do Xapono para o mato, sempre encontrava as outras pessoas. A primeira coisa que ele encontrou foi aquele homem chamado Haxoriwë, que ele sempre comia o ingá do mato. Depois que o Horonami chegou perto dele, ele ouviu o choro dele, por vontade de usar a brejeira.

Quando o Horonami chegou perto dele, o que o Haxoriwë chorava. Então, ele fez uma pergunta para ele: “- Por que você está chorando aí? O Horonami perguntou dele. O Haxoriwë lhe disse: “- Não, estou chorando por causa da brejeira”. Aí, como o Haxoriwë dizia o que ele pronunciava. Mas, a brejeira que ele falou, ele falava na língua yanomami, o weyu. “- Eu estou chorando por causa do weyu”.

O Horonami não entendia o que era o weyu. Aí, depois, perguntou de novo: “- Por que você chora? Não, estou chorando por causa do weyu. Aí, o Horonami, a segunda vez, não entendeu. Aí, depois que ele pensou: “- Ah, eu acho que é a brejeira

que ele está chorando, por causa da brejeira”. O Horonami entendeu.

Então, o Horonami, que ele usava a brejeira na boca, aí ele deixou com o cabo de machado dele. Então, depois, o Haxoriwë desceu no pé de ingá. Aí, ele aprendeu a brejeira com o Horonami. Então, use esse tabaco. Se você usar esse de tabaco, se você usou, bem usado mesmo, que não é mais forte, e depois você joga ali, onde tem algum lugar, você não usa mais.

Ele explicou. E logo, o Haxoriwë pegou esse tabaco. Ele usou. O tabaco era forte. O Haxoriwë não aguentou, porque era forte o tabaco dele. Depois que ele usou, ele gemeu. Aí, o Horonami escutou o gemido dele. Depois disso, o Horonami seguiu de novo. E logo, já outra pessoa que ele estava comendo, aquele ingá, tipo de ingá.

Aí, ele viu essa pessoa. Ela estava muito comprida com o cabelo dele. O Horonami pediu alguma fruta com ele. Aí, ele respondeu, não, amigo. Só a casca que estou vendo aí. Falou. Aí, depois, ele não deixou a fruta com o Horonami, porque ele sovinou com ele.

A primeira pessoa que existiu se chamava Puruusi. Ele foi ensinado pelo primeiro Hekura, que se chamava Haprapì (para os napë significa deus, ou primeiro espírito). Puruusi aprendeu as seguintes palavras de Haprapì: Yakoa (Parika do mato), Epena (Parika), Ama (Árvore) e Honorekosi (ouriço de castanha para fazer o Parika). Assim surgiram as primeiras palavras.

O espírito Haprapì indicou para Puruusi os materiais para fazer Parika e os seus nomes. Haprapì fez isso para Puruusi sempre ficar em contato com Haprapì. Depois de ensaiar, Haprapì desapareceu porque Puruusi virou Hekura e ensinou a outras pessoas esse conhecimento. Desaparecendo, Haprapì passou a morar em todos os lugares: lagos, montanhas e rios.

Horonami apareceu depois disso e aprendeu as primeiras palavras buscando alimentos para o seu povo. Ele foi buscar depois das montanhas. Ele achou uma casa de poré (fantasma). Nessa casa havia um ihiru, um filhinho sozinho. Tinha muita banana madura nessa casa. Horonami entrou na casa e o filhinho Pore ficou muito assustado. Horonami falou: “- Não fique com medo. Cadê o seu pai?”. O filhinho Pore respondeu: - “Ele foi buscar kurata (banana)”.

Horonami pensou: - “kurata?”. Ele não sabia essa palavra. Depois Horonami saiu da casa e foi para o caminho da roça e encontrou Pore voltando. Horonami ficou escondido e jogou uma pedra. Pore ficou assustado e Horonami apareceu.

Horonami disse pra Pore: - “O que é isso amigo?”

Poré: - “É kurata (banana)”

Horonami: - “Como você planta? É semente?”

P: - “Não é semente. Primeiro tem que derrubar o terreno da roça, secar e queimar. E pra plantar tem que ser muda.”

Depois disso, Poré foi pra sua casa. Horonami entrou na roda de Pore e viu muita banana madura. Assim ele roubou a muda da bananeira. Ele fez tudo que Pore ensinou. Assim surgiu a roça.

Na busca por comida ele encontrava muitos Pore pelos caminhos. Sempre ele perguntava o que eles comiam. Nessa busca ele encontrou outra pessoa que comia pahi/ingá do mato. Com outra pessoa aprendeu Hayu-Kokoima. Assim ele procurava comida e já descobri do as palavras também. Depois de conseguir tudo isso, ele começou a desaparecer. O motivo? Horonami já havia conseguido alimentos de Pore e ensinado pras pessoas, seu povo como fazer roça.

Foi assim que ele encontrou Haxoriwë (pessoa) chorando com preocupação para conseguir pêê (brejeira). Aqui ele recebeu a primeira palavra de uma pessoa. A palavra weyu (brejeira).

Horonami conseguiu tudo isso é queria descansar. O povo dele começou a bagunçar com ele. O povo dele fazia sexo com uma suwë. Por conta disso Horonami ficou huxuo/raiva. Ele queria matar o demônio Ruwëri. Horonami matou ele e apareceu a noite. Ruwëri era parecido com o mutum.

CAPÍTULO IV - VOCABULÁRIO YANOMAMI

O vocabulário a seguir foi elaborado a partir de questionamentos desenvolvidos em conjunto com a orientação e coordenação.

A hora pëi: Parece que ele está com febre.

Ahãi kehi: Pé de abacate. Abacateiro.

Ãhë: Cará, a planta da roça. Tanto o roxo quanto o cará branco.

Ãhi: Sujo. Essa palavra indica que a pessoa ou o objeto está sujo.

Ãiãimi: Jandiá. Peixe conhecido também como bagre. Nome científico: *Siluriformes*

Ãiãmo: Valente, corajoso. Essa palavra significa uma pessoa muito valente, sem medo.

Aka prewë: Largo. Muito grande. Área plana. Por exemplo, o tamanho de um colchão, uma sala ou de um banco para sentar.

Aka: Língua. É a língua da nossa boca.

Akapraukuwë: Imenso. Área enorme, muito grande. Maior do que *aka prewë*.

Akãwa: Tipos de línguas faladas por outros povos. Idioma.

Amixi: Sede. A vontade de beber água.

Ãmoa: Músicas, cantorias. Essa palavra expressa a parte musical do povo yanomami. Essa palavra é usada por todos do Xapono. Pelos pata, pata huya, huya e moko moko. Essa palavra é usada especialmente nas festas.

Ãmoapi morokai: Cantando mais alto.

Amoki: Fígado. É o fígado dos animais e das pessoas.

Amõmia: Eco que sai dos sons da boca de seres vivos. Normalmente escutamos eco da onça, trovão, foguete e etc. Quando falamos perto da montanha escutamos esse eco.

Amota a huu: A paca está andando.

Amota a yarëi: Está fumaçando a paca dentro do buraco. Quando andamos na floresta conseguimos ver a paca pela fumaça.

Amota: Paca. Animal, caçaria apreciada nos xaponos yanomami.

Apia: Abiu. É uma fruta de roça e também do mato (não cultivável).

Apuhi taakure: Ele já está sabendo. Ele já consegue entender e aprender o pensamento.

Ara: Ave arara.

Ãrepo këko: Casa de cupim. Cupinzeiro.

Ārīma: Maitaca. Ave semelhante ao papagaio.

Arimaxirīmi: Peixe aracú.

Ārōkōhi: Árvore de copaíba.

Ātahu: Pedaco. Objeto cortado. Não inteiro.

Ātama: Tipo de cogumelo. Esse cogumelo é comestível para os yanomami.

Ātatarario: É como um convite. Você pode vir e conhecer.

Ātou: Passear. Normalmente no xapono passeamos nos vizinhos, na roça, no rio e etc.

Awaha hirimou: Awaha (sobre a pessoa) hirimou (escutar). Precisamos deixar ele falar, precisamos ouvi-lo.

Ayākōrami: Japiim. É um pássaro amarelo e preto que fica sempre com o ninho pendurado nos galhos das árvores.

Ayoai: É um matohi. Cinto de miçangas coloridas.

Āyoma: Passar ao redor; circular por fora do xapono.

Ēpēhēwē: Mole. Fruta madura.

Ēpena siki: Casca de paricá.

Ēpena ya koai: Cheirar paricá.

Ēpena: Paricá. É o que os pajés-hekura sempre usam. É também o alimento dos hekura-espíritos. Assim os pajés definem o paricá.

Etewexi kēa: Fruta de buriti.

Etewexi uki: Vinho de buriti.

Etewexi kesi: Palmeira chamada buriti. Pé de buriti. Buritizeiro.

Ēyēkēwē: Motivo geométrico, contorno. Sinuoso. Pintura sinuosa.

Haharamaema: Teia de aranha. Essa palavra significa conjunto de filamentos proteicos produzidos pelas aranhas para construir e capturar presas.

Hahīprai: Apagar.

Hai: Aceito. Essa palavra indica que foi aceito a conversa do outro.

Haihai: Esquerda. Braço esquerdo.

Haihou: Pessoa com muita raiva. Fora de si querendo brigar.

Haikai: Distribuir tudo ou pegar tudo.

Hakaromai: Corta ao meio, dividir na metade.

Hakokoo: Atar rede por fora da casa.

Hakosiki: Pena de pássaro.

Hai: Sair de dentro do buraco ou pela porta da casa.

Hama: Significa visitante, palavra usada por pessoas de um Xapono para se referir às pessoas de outro xapono ou de fora da TI Yanomami. É usada em muitas festas e rituais, por exemplo no *himou*.

Hama pë prai: Os visitantes fazem a dança.

Hamoriai: Pegar tudo de uma vez. Por exemplo: Hama pëni matohi pë hamoriai - O visitante pega todo matohi de uma vez.

Hamoripahe: Querendo pegar todos os objetos só para ele.

Hamou: Amadurecendo a banana ou outras frutas.

Hapa: Começo. Início.

Hapahapa: Primogênito. Essa palavra indica a primeira filha ou filho.

Hapoka: Panela. Essa palavra é sempre utilizada quando se precisa cozinhar a carne e outros alimentos.

Haprua: Bacaba. Essa palavra indica um tipo de fruta de palmeira que é a bacaba. É consumida como vinho de bacaba.

Hãreprou: Amarelado; cor de banana madura; cor da folha que caiu.

Harii: Cozinhar. Essa palavra indica a pessoa cozinhando em cima do fogo com a panela e alguns alimentos.

Harika: Manhã.

Hãri kãi: Torrar. É uma forma de cozinhar. Essa palavra se refere ao tipo de alimento torrado. Como farinha e paricá, tapioca e outro tipo.

Harokoai: Abraçar.

Hãrõmai: Embrulhar com a folha de palmeira o peixe para cozinhar no fogo.

Haromatima: Curar. Paciente curado com hekura ou com remédio, se for uma doença.

Harowë: Vivo. Vida. Exemplo: Hiima a harowë - O cachorro está vivo.

Hatami: Tipo de tartaruga.

Hãto nahi hoai: Raspar a madeira de pupunheiro para fazer o arco; ou varrer a casa.

Hãto nahi: Arco ou casa. Este arco é feito de madeira de pupunheira.

Hatoprai: Oferecer separado, oferecer escondido. Por exemplo, quando alguém convida somente uma pessoa do grupo para almoçar.

Hatoprou: Fugir; sair escondido. Por exemplo, alguém pegou os matohi e saiu escondido. Ou saindo por medo das consequências de algo que fez.

Hawari: Castanha do Brasil.

Haximai: Deixar secar no sol ou esquentar no fogo. Matohiyë yapë haximai - Secar o meu matohi.

Haximo a yehipou: Ele está carregando o inambu nas costas.

Haximo: Inambu. É o nome da ave da floresta que anda no chão. Também serve de alimento para o povo yanomami.

Haxitiwë: Seco. Essa palavra indica o objeto seco, por exemplo: Watota a haxitiwë - A roupa está seca.

Haya: Veado. É o nome de um animal que também serve de alimento para o povo yanomami.

Hayë a mia: Meu pai está dormindo.

Hayë a mahari warima: O meu pai está sonhando com alguma coisa errada.

Hayeheri: Dor no corpo (das pessoas). Pode ser curada com hekura ou com remédio de napë.

Hayokoma: Machado. Objeto que derruba a árvore grande. É como é conhecido o uso desse objeto entre o povo yanomami.

Hayuyou: Não parar em um local, movimentar-se, sair e entrar em casa várias vezes no mesmo dia. Edinho a hayuyou (Edinho está pra lá e pra cá, não para em um lugar).

He haaï: Encontrar. Agenor ya he haaï - Encontrei o Agenor.

He horomai: Significa medicar. Por exemplo, quando o assistente de saúde indígena medica a pessoa. Medicando a pessoa que fica com febre.

Heao: Tarde, especificamente de 12h às 14h. Quanto o sol está a pino.

Hearopi: Marido dela ou esposa dele. Essa palavra indica que é o cônjuge da pessoa. Essa palavra indica tanto homem, jovens e adultos.

Heawei: Os sons de natureza. Esse é o nome de lugar que o povo yanomami chamava o xapono onde os seus ancestrais viviam, como Heawei.

Hehu pë hami: lá nas montanhas, serras.

Hehu: Montanha. Todo Xapono conhece essa palavra, ela indica a casa dos espíritos, os pajés sempre falam que é a casa dos espíritos.

Hei a titiha: Dessa noite.

Hei axi ihite: Esta pessoa é generosa.

Hei exi tē matohi? Que objeto é este?

Hei hewë kēa: Este é o morcego.

Hei napë kēa: Este é o homem branco.

Hei pêê nahe: Este tabaco.

Hei tootoki: Esta é a rede de cipó.

Hei yaa hena: Esta é a folha de palmeira.

Hei yāo kēki: Esta é rede de algodão.

Hei yaro kēa: Esta é a carne.

Heitēhē: Mais tarde, em uma outra oportunidade.

Hekama: Sobrinho. Neto e genro.

Hekamapi: Sobrinho dele.

Hekamayē: Meu sobrinho.

Hekamayēpē ya korihe: Meus sobrinhos, estou de volta.

Hekumari: Onça preta. Essa palavra utiliza somente às vezes. Somente os velhos utilizam dessa palavra na conversa.

Hekura pē yaxuprama: Ele estava espantando os espíritos maus.

Hekuramai: Ensinar/treinar a ser pajé.

Hekuramou: Pajelança, os gestos, cantos e danças do pajé que está fazendo a pajelança. Essa palavra é utilizada somente na pajelança pelo pajé, que não deixa os espíritos maus entrarem no seu xapono.

Hekuraoma: É o grande pajé daquele tempo, do passado.

Hemare: Baraturí, um tipo de fruta muito conhecida no xapono.

Henaha a hikarimopē: Parece que ele vai trabalhar amanhã.

Henaha ya huu: Amanhã eu vou.

Henaki: Cabelo ou folha de palmeira.

Henaprou: Sair bem cedo manhã.

Heniomī: Grupo de moquinhaça, grupo de caçadores que sai para matar e moquear as caças para o reahu.

Hēopehe: Passando de geração para geração.

heoxipē: Cérebro.

Heparayē kēa: Meu irmão ou meu primo.

Hepisi: Fino. Bem fininho.

Hepotexiki: Cabelo cumprido.

Here: Molhado. Essa indica o objeto molhado.

Hērērēwē: Úmido. Pouco molhado.

Hēri: Veneno. Essa palavra indica a coisa mais perigosa. Pessoa que prepara o veneno.

Heruheru: Bem branquinho.

Hesiopi: Esposa dele. Essa palavra indica que tem esposa, que é casado.

Hetarëmai: é o apontamento ou direção que os espíritos dão para ajudar o entendimento do yanomami, isso acontece por meio de sonhos.

Hetehã: Ariranha.

Hetekou: ato de respirar, a respiração dos seres vivos, incluindo seres humanos.

Hetu misi: Céu.

Hetuo: Atar por cima do outro.

Hewarou: Visitar a família em outro xapono.

Hewë: Morcego.

Hëwëhëwë: Seco. Essa palavra indica o tronco seco.

Hexami: Picapau. Uma espécie de pássaro da família cujo de bico é afiado o suficiente para bicar árvores em busca de comida.

Heximai: Misturar. Dessa palavra indica quem está misturando ou a massa de mandioca.

Hëyëha: Aqui. Essa palavra indica um local específico.

Hëyëmi: Venha aqui, indicando o caminho a seguir.

Hiima a nihite: Cachorro é bom caçador.

Hiima a praa: O cachorro deitado no chão.

Hiima a pukatuo: O cachorro passar do outro lado do rio.

Hiima: Cachorro.

Hikari: Roça. É o lugar preparativo de plantas de alimentos dos yanomami. É o lugar de onde guardamos sempre as plantas comestíveis.

Himo: Cacete.

Himou: Essa palavra indica um ritual de trocas de matohi (ideias). É especialidade dos pata-pata esse ritual. Também trazemos notícias pelos nossos parentes para convidar outro Xapono na festa.

Hipëma: Dar o objeto para alguém.

Hipruxi: Capim.

Hiraa: Deita no chão.

Hiriai: Escutar.

Hiriaimirë: Não me ouça.

Hirirema: Ouviu? Entendeu? Essa palavra indica uma pergunta para alguém.

Hirurai: Empurrar.

Hıskar: Focar. Dirigir o foco luminoso a um ponto.

Hitokowë: muito apertado. Por exemplo – pouco espaço para muita gente.

Hiwara: Quandú, ouriço, porco espinho. Esse é o animal que tem espinho no coro.

Hokai: Colhendo no chão.

Hoki: Apertado. Por exemplo, calção apertado (pequeno)

Hoko mamoki: Carço de bacaba ou patauá.

Hoko mauki: Vinho de bacaba e patauá.

Hoko: Patauá. É o nome de fruta que serve para fazer o vinho.

Hokomahi: Pé de patauá.

Hokoto: Jiboia.

Hokotoyamakixërema: Nós conseguimos matar a jiboia.

Homoprou: Espocar.

Honore kosi: Ouriço de castanha. Com esse ouriço os pajés prepararam e socam o paricá. Somente só os pajés usam esse objeto.

Hora hesi yëi: Barata voadora.

Horama: Inambu relógio.

Horeai: Engatinhar no chão.

Horehore: Flor.

Horema pë wamoimi: Não comemos a minhoca.

Horema: Minhoca. Nome comum a animais anelídeos, terrestres.

Horoi: Pluma. Dessa palavra significado é a pena branca como enfeite. É utilizada somente pelo chefe ou pajé e sempre no cerimonial.

Horotowë: pessoa baixa ou objeto curto, exemplo: tronco curto

Horoxai: Cavar o buraco na terra com a mão.

Hote hote: Usado. As coisas usadas.

Hoya: Juriti.

Huai: Imitar. Experimentar.

Huatarou kurati: Andando mais longe.

Huheai: Não consegue segurar ou pegar.

Huimi: Não vai.

Huko nini: Dor na testa.

Hukomo toto: Cipó de batata.

Hukomo: Batata doce. As plantas da roça. Esta fruta é doce.

Humai: Deixar de andar. Amassar.

Hupai: Tocar com a mão.

Hura toto: Cipó de malária.

Hura: Malária.

Hurii: Pegar sempre as coisas do outro sem autorização.

Hurumi kesi: Arumã.

Husi: Lábio. Bico de pássaro ou lábios humanos.

Hututua: pessoa com frio.

Huu piyëohërii: deslocar-se para outro lugar.

Huu waritiwë: A pessoa não andar direito. No caso deficiência.

Huumai: Não pode ir.

Huumoto: Conjunto de ossos que formam a base de sustentação do corpo.

Huxipë: Nariz.

Huxiri: Gripe. É o tipo de epidemia que sempre ataca as pessoas.

Huxuo: Ficou zangado.

Huya: Rapaz.

ṭëpë: É filho que nasce é o sangue do teu pai.

Ihama: bicho preguiça.

Ihikëa: Cadê ele? Essa palavra se refere uma pergunta para a pessoa quando procura.

Ihira: Giral. Escada.

Ihrama: Verão. Essa palavra é conhecida pelos velhos, ancestrais.

Ihiru a wausi: O menino é guloso.

Ihiru këa: Este menino.

Ihiru niaasi: xixi/urina de criança.

Ihiru pë kōo: As crianças estão voltando ou chegando em casa.

Ihiru: Menino.

Ihirupi: Filho dele. Essa palavra utiliza mesmo tempo para homens e pra mulher.

Ihiruprukapësaahirayoma; As nossas crianças estão com muito frio.

Ihiruwaiterionomi: Não era valente quando era criança.

Ihite: Generoso. Com essa palavra indica quem a pessoa generosa para a outra pessoa.

Ikai: Rindo.

Ikawa: Sorriso de alguém.

Imii: Andando em cima de pau.

Imiki: Mão.

Imisi: Pena de pássaro ou unha de ser humano.

Inaharēpēkuwē: São eles assim mesmo, eles são desse jeito mesmo.

Ipa arakesi: Esta é minha canoa.

Ipa heriyē: Este é meu cunhado.

Ipaawayu: É a minha alucinação do paricá ou o efeito do paricá.

Ipayē: Meu.

Ira kesi: Couro de onça.

Ira naki: Dente de onça.

Iriamayou: Brincando junto com a sua esposa ou com as meninas.

Iro: Guariba, animal, conhecido como macaco vermelho.

Ironasi: Tipo de macaco.

Isitonipi: Pequeno. Refere-se a um objeto pequeno ou poucos objetos.

Itorayoma: Descer no pau. Exemplo: descer o pé de açaí escorregando pelo tronco.

Itou: Descer no pau. Descer da árvore ou sair da rede quando deitado nela.

Iwa: Jacaré. É a carne de jacaré é comestível.

Kahē waxi imi: Você é muito sovina.

Kahē: Você. Refere-se a outra pessoa.

Kahēni: Você mesmo.

Kahiki: Boca. O começo do aparelho digestivo.

Kahirayoma: Mulher falante. Falando sempre braba ou com raiva.

Kahuai: Fechar. Fechar a porta.

Kaĩ: Lenha.

Kaia: bem inclinado, envergado.

Kaiwē: pouco inclinado, quase reto.

Kakaprai: Rasgar. Significa dessa palavra é rasgar a roupa.

Kakara nateki: Ovo de galinha.

Kakara ya wai: Eu estou comendo o frango.

Kakara: Galinha.

Kakaroprai: Abrir a porta. Quando a porta está fechada.

Kama e nahiha: Na casa dele. Ele já está lá na casa dele.

Kama hurayoma: Ele se foi, ele foi embora.

Kama: Ele. Esta palavra indica a pessoa singular.

Kamamarima: Gavião. O tipo de gavião que canta à noite.

Kamiyë ya ohi: Eu estou com fome.

Kamiyë yamaki yaipi: Nossos irmãos.

Kamiyë yarë kui: Sou eu mesmo.

Kamiyë yawa hai kupërei: Eu falei daquela vez ainda, ação no passado.

Kamiyëni ya ipipoma: Foi eu que acompanhei ele.

Kamiyëni ya ximireikuhe: Foi eu que mandei ele.

Kanaporomi: Japó.

Kanosi: Lixo.

Kapiromi: Cará, planta que cresce na beira do rio.

Kapokai: Pisar de cima da água.

Kararu: Muda de banana.

Karëi: Nadar no rio.

Karëmai: ser carregado/levado pelo rio.

Karikai: Pisar de cima da lama.

Kario: Esquilo.

Kasihami: Beira do rio. Beira do caminho. Beira da casa.

Kasiteri: que não tem representatividade no xapono. Que não pode ser chefe.

Katana si yehipou: Está carregando o bambu nas costas.

Katana: É outro tipo de ponta da flecha. E serve para matar as caças com esta ponta.

Kataoto: Fruta do mato.

Katari: Ponta de flecha.

Katauri: Mutum marrom.

Katehe: Bonito. Essa palavra indica o objeto bem legal.

Katia: Característica daquilo que possui a capacidade para esticar.

Katikai: Pisar de cima da terra.

Kaweima: A pessoa barbuda.

Kaxapenoima nouki: Tinta de jenipapo.

Kayapa: Árvore que é derrubada na roça.

Kayuri: Capivara. Maior mamífero roedor existente.

Keai: Plantar. A ação de plantar e a pessoa que planta.

Keanomi: Não plantou. Nessa palavra não plantou os tipos planta na roça.

Kêpo uhi: Pé de ingazeiro.

Kêpo: Ingá. Dessa palavra é o nome da fruta comestível.

Këprai: Quebrar.

Këprarioma: Quebrou.

Kerayoma: Cair de cima. Nessa palavra indica que cair lá de cima para a terra. Ou a pessoa ou as aves.

Kete mo kauu: Germinar. Germinação que começa um vegetal a desenvolver-se a parte de sua semente.

Kete mopë keano: Semeadura a semente nas plantas no seu viveiro.

Kete pë wama: Ele estava comendo as frutas.

Ketetiwë: Doce. Nessa palavra indica os tipos doces como a batata, banana, fruta, bombons, leite condensado.

Ketipa: Sororoca. Essa palavra indica um tipo de palmeira chamado sororoca.

Këxai: Cuspir. Essa palavra indica cuspir em alguém.

Kiaromi: Japim.

Kirimai: Deixar de assustar. Essa palavra indica quem está deixando de assustar a outra pessoa.

Kiriri: Temor. Apreensão. Sensação de insegurança.

Kiritami a paa: Pássaro está empoleirado no pau.

Kiritami yapiki: Ninho de pássaro.

Kitanari: Onça marrom. Essa palavra indica o tipo de onça.

Koai: Beber.

Kõar: Buscar de volta.

Kokaprai: Juntar.

Kona kona: Taracué. Que é tipo de formigas.

Kõõ: Voltar. Essa palavra é utilizada quem está voltando.

Kopea: Preparado. Esperar, pessoa preparado para ir.

Kopina: Caba.

Kori una: garça branca.

Korohami yamaki huma: Nós estávamos passeando lá embaixo;

Kosimou: Querendo chorar.

Kōtori: Rato. Essa palavra indica o tipo de rato chamado kōtori.

Koxaka: Saracura.

Koye: Saúva. É a formiga que faz a corte de folhas.

Koyokowë: Misturado. Essa palavra se refere as cores.

Koyotoma: Argila.

Kreaomi; Não tem pressa, atrasado.

Krii toto: Cipó de diarreia.

Krii: Diarreia. Desarranjo intestinal que provoca fezes em estado líquido ou pastoso, evacuação líquida e frequente.

Kua: Tem. Nessa palavra indica quem está presente.

Kuaatihë: pessoa que não pode fazer esforço porque está doente e fraca. Que não pode brincar ou trabalhar. Ordem ou proibição dos pais para a criança não brincar em lugar perigoso ou perto do hekuramou.

Kuami: Não tem. Nessa palavra indica não está presente.

Kuawaikia: Já tá lá. Estar presente.

Kuikë: Agora, hoje.

Kuimi: Não disse.

Kumato: Pequiá. É o nome de fruta das plantas do mato de comestível.

Kunomi: Não disse.

Kuonomi: Não estava. Essa palavra se refere quem não estava no momento.

Kuonowei: Já tinha. Existia no passado.

Kurata kesi: Pé de bananeira ou casca de banana.

Kurata ki wakë: Esta é a banana madura.

Kurata: Banana pacová. Dessa palavra sempre utiliza quando na festa e no Xapono.

Kuremi: Jacú. Dessa palavra conhece com os ihiru, pata-pata.

Kutaami: Não tem. Não tinha.

Kuyuma: Grilo. Que sempre canta à noite.

Ihiraxi: Nuvem. Porção de fumaça, pó ou outras partículas que se eleva no ar.

Iki: Chorar. Essa palavra indica a criança chora no colo.

Iki: Chorou. Com essa palavra se refere já chorou a criança ou menino.

Ikinomi: Não chorou. Dessa palavra indica-se não chorou.

Ira: a onça-pintada.

Maa a mori kema: Estava querendo chover, quase choveu.

Maa: Chuva.

Maa: Pedra.

Maama take: A pedra é lisa.

Maani ya saih: Estou com frio por causa da chuva.

Maayamaapreama: Nós pegamos muita chuva.

Mahari warii: Sonhando. Sonhando quando dormindo.

Mahari: Sonho. Ideias e imagens que perpassam na mente de quem dorme.

Maharixi: Sono. Atacar a pessoa querendo dormir.

Mahimai: emprestar alguma coisa.

Mai: Breu.

Makahatu: areia da beira do rio, praia do rio.

Makararowë: Lacreia. Inseto picador da gente.

Makasi nini: Dor de barriga.

Makasi: Barriga. Barrigudo.

Makayo: Grande pedra, rocha.

Makeprai: Fazendo moquinhaça, ação de moquear.

Makoayomi: Bacurau. Ave de habito noturno da família da conhecida como curiango.

Makurutami: Macaco da noite.

Mamiki: Pé de pessoa e de animais.

Mamixi këa: isto é espelho.

Mamo: Olho.

Mamo kâi wawēmai: Aparecer a criança recém-nascido da barriga da mãe.

Mamokasiki: Sobrancelha.

Mamoki hiahao: O olho arregaladíssimo.

Mamori toto: Cipó de conjuntivite (usado para tratamento da conjuntivite).

Manaka: Paxiúba. Com essa palavra indica um tipo de palmeira chamado paxiúba.

Mananaepi: Teia de aranha.

Manatomi: Cerimonial. Dessa palavra expressa a parte sagrado cerimonial do povo yanomami. Essa é usada quando no momento da festa. Essa palavra especialmente é usada quando o outro convida do outro Xapono.

Maopou: Segurando na mão.

Maprou: Acaba. Desistente.

Maraka kehi: Pé de cuia.

Maraka: Cuia. Dessa palavra sempre usada quando beber mingau de banana. A palavra sempre usada todas as pessoas quando jovem, os velhos, as crianças. Essa palavra é usada quando a hora de comer.

Maranapi: Classificação da etapa do desenvolvimento ou fase de crescimento humano (menina entre 2 e 3 anos de idade).

Maraxi: Cujubim. Com essa palavra o nome de aves.

Marōha a harii: Está cozinhando o peixe.

Marōha misiki: É o espinho do peixe.

Marōha pē wama: Estava comendo os peixes.

Marōha ya wai: Eu como peixe.

Marōha: Peixe. Dessa palavra indica somente nos peixes.

Maromaro: Magro. Não gordo, não cheio de carnes.

Maromi: Cará. A planta da família, nativa que é raiz comestível dessa cará da natureza.

Masiri: Pedra. É uma pedra de branca.

Mataki: Perna.

Matawaiwē: Silêncio.

Matohipētoamahe: Eles levaram os presentes que ganharam no xapono.

Matokai: Deixando vazia a casa. Saiu tudo.

Matokowē: Vazio, sem ninguém, xapono abandonado. Essa palavra indica as pessoas sem nada no xapono.

Matono: Garrafa. Essa garrafa serve para utilizar com os pajés no paricá. Somente os pajés utiliza dessa palavra.

Mãu ya u koai: Bebo água.

Maxapi: Traíra. É o nome de peixe todo Xapono utiliza dessa palavra. Não tem muito significado.

Maxi: Pedaco de carne. Também significa teu parente, teu irmão ou primo.

Mayepi husi: Bico de tucano.

Mayepi: Tucano. É o nome de pássaro o bico comprido.

Mayo: Rastro. Essa palavra indica é uma marca de rastro da gente ou bicho na terra.

Mayotute: rastro novo, acabou de passar por ali.

Mi ruwë: Escuro, nublado.

Miamoha: No meio.

Mihokëai: cuidar para que cresça (criança, animal, planta).

Mii misiki: É um espinho.

Mii: Olhar.

Mio: Dormi. Essa palavra indica pessoa está querendo dormir.

Mioma: Folha de palmeira.

Miramai: Enganar. Essa palavra indica a pessoa enganando ou mentindo.

Mire: Espelho.

Misiki: Espinho. Espinho de peixe e espinho pupunheira.

Miwërëi: Descer baixo no rio.

Mixi horuu: Descansar.

Miyamou: Subir no rio ou se pintar no rosto. Essa palavra utiliza mesmo quem está subindo no rio e quem está se pintando no rosto.

Moepi: Chapado com a reação do paricá.

Mohe poa: Baixar cabeça para baixo.

Moheki: Rosto.

Mohi: Preguiça.

Mohimohi: Preguiçoso. A pessoa não tem a vontade de trabalhar. O povo yanomami sempre utiliza dessa palavra.

Mohomi: Essa palavra indica o grande gavião que a chamado águia. Nem sempre utilizada dessa palavra.

Moka toto: Cipó de wamber, utilizado para fazer cestos.

Moka: Coaxo, sapo pequeno, comestível.

Mokahi: Irmão, primo. Essa palavra indica seus primos e irmãos.

Mokawa: Espingarda. Arma de fogo portátil e de cano comprido.

Mokohe: Fruta de sororoca. Que é conhecido com o tipo de palmeira chamado sororoca.

Mokohiro: Cano. Dessa palavra significado é o sopro de paricá. Quem usa dessa palavra quem é o pajé. Mesmo tempo dessa palavra é a usada em todas as pessoas.

Mokoromi: Arumã.

Moo-moo: Mosquito.

Mora: Fruta preta. Essa palavra sempre utiliza nessa palavra quando a época das frutas.

Moro: Tatu bola.

Morokowë: Local limpo.

Moto: Voadeira ou rabeta.

Motoka a tirewë: O sol está alto.

Motoka a yopi: O sol está quente.

Motoka: Sol essa palavra indica chamado o sol.

Motorewë: Enrolado, exemplo: arame, linha de costura, cipó.

Motu: Dilúvio. É agua que sai da terra.

Moxa: Tapuru. Larva de mosca.

Moxi: Gavião. Pássaro carnívoro.

Moyāwë: Esperto, ávido e hábil.

Naahë pata: Primeira sua mãe, filha mais velha dos seus avós.

Nahimayou: Ser amizade. Dessa palavra se refere a pessoa faz amigos, amizade, namorar.

Nakai: Chamando. Essa palavra se refere a pessoa chamando.

Nakai pariohe: Convidar primeiro. Chamar.

Nakarema: Chamado. Essa palavra indica a pessoa já chamado.

Nakoai: Lamber. Chupar.

Napë: Homem branco. Essa palavra indica este homem branco da cidade.

Napëmai: Odeio para alguém, pessoa que está com raiva de outra.

Napëyoma: Branca. Nessa palavra indica é uma pessoa da cidade que a branca que não é yanomami.

Nara: Forma de urucum.

Naraxiki: Fruta de urucum. Essa palavra de urucum que a forma de massa do urucum.

Naro: Mucura, gambá.

Nasiarewë: Pessoa brincalhona.

Naxi hi amo: Goma de mandioca.

Naxi hiki marikai: Está peneirando a massa de mandioca.

Naxi hiu: chibé de farinha.

Naxi këko: Raiz de mandioca.

Naxi kosiki: Casca de mandioca

Naxi: Farinha de mandioca.

Naxiwë: Azedo como limão. É o sabor de sal.

Nayë a miami: Minha mãe não está dormindo.

Nayë a poremou: Minha mãe delira quando está dormindo.

Niaasi ëyëi: Urinar.

Niaprai: Flechar. Essa palavra indica matar a caça na ponta da flecha. É a arma dos yanomami.

Nihite: Maropiara. É a pessoa profissional na caçaria.

Nii pë wamahe: Eles se alimentaram.

Nini: Ipanema. Dessa palavra indica a pessoa não tem a vontade de caçar.

No motahawë: Danado. Mexendo a outra coisa dos outros.

No preamai: Sentir dor, sofrimento ou padecer.

No watëprai: Acabar tudo, exterminar, desmatar.

Noa tai hayuyou: Avisar por seguida.

Noamai: Nao deixar mexer. Pessoa que não deixa ninguém mexer em suas coisas.

Nohi himoi: Fazer ritual pedir algum objeto.

Nohi kuwë: Característica, o que distingue uma coisa, espécie, material, gênero.

Nohimayou: Fazer amizade. Ser amigo, começando a namorar.

Noka hekai: dar satisfação a alguém, contar sobre uma vingança.

Noma: Piolho. Inseto parasita que suga o sangue de vertebrados e lhes transmite várias doenças.

Nomawë: Morto. Essa palavra indica já é morto de pessoa ou pássaro. Também se refere a quem está bêbado ou sob o efeito do paricá.

Nomohori: Fazer ou montar uma armadilha. Enganar.

Nopë matokai: Todos saem em cada lugar para trazer algum alimento em casa.

Norami: Imagem, retrato ou sombra.

Norimipi: Amigo dele.

Nosi yauo: Seguindo atrás, acompanhando.

Nosi e huai: Obedecer ao comando do pai e do chefe.

Nosi e mamou pexiomi: Ele não está querendo ser escravo do outro.

Notiai: Passar depois, chegar atrasado.

Notiomi: Geração para geração.

Nowamai: Não deixar mexer.

No yuonomihio: Que persegue a vingança, quem trata de devolver o mal, pelo mal que lhe fizeram, mas que não conseguiu se vingar.

Ohii: Passar fome.

Ohina moki: Fruta de taioba.

Ohina: Taioba. É uma planta da roça. A planta comestível para o povo yanomami.

Ohotamou: trabalhando com vontade.

Ohote: Vontade de trabalhar.

Õki: Fundura da água. Enchente do rio.

Õkimou: Enchendo o rio.

Oko: Caranguejo.

Okomou: Caçar caranguejo.

Omai: Deixar encher.

Omawë: Pássaro azul. Esse pássaro é o enfeite dos pajés. Mas, as lideranças usam também.

Oni oni: Escrita ou a pintura.

Onimai: Escrevendo ou pintando.

Onomi: Não encheu.

Opisi huu maikëtë: Não posso andar devagar.

Opo a tixama: Estava cavando o buraco.

Opo yama a yarëma: Nós fumaçamos um tatu.

Opo: Tatu.

Opohesi: Baixo. Curto.

Ora: Tronco do corpo humano. Tronco de árvore.

Oramisi: Pescoço.

Orayoma: Encheu. Nessa palavra indica encheu na panela ou no panela.

Oru: Cobra.

Otomi: Catarro.

Owëprai: Imitar ou medir para saber o comprimento.

Oxehë: Teu irmão menor.

Õxôkorema: Por área de igapó

Paha amo: Palmito de tucumã.

Paha moki: Carço de tucumã. Semente de tucumã.

Paha: Tucumã.

Pahakotorema: Abelha de cupinzeiro.

Paimi: Fechado. Muito apertado, compactado, com muita densidade.

Pakëkai: Cortar, retalhar.

Parai: Crescer. Crescer a população das pessoas.

Pararo moki: Semente de paricá plantada.

Pararo: Paricá é uma planta que os pajés sempre utilizam.

Pararupou: Deixar ir na frente.

Parawa u okimou: O rio está enchendo.

Pareto: Pium.

Pari hami: ir na frente.

Pariki: Peitos, seios femininos.

Parimi: A coisa que não acaba, que não tem fim. Essa palavra indica a alma da natureza. Essa palavra é utilizada quando o pajé faz o movimento na pajelança.

Paruri husi wakë: O bico de mutum é vermelho.

Paruri: Mutum. É o nome de aves comestíveis para os yanomami.

Pata: Maior. Grande. Pessoa de idade avançada.

Patai: Crescer.

Patamou: Ser chefe.

Patayoma: Velha. Essa palavra indica uma mulher velha.

Paxo a mi hái: Está queimando o belo de macaco no fogo.

Payëkëwë: Mais longe, lugar distante.

Payeripou: Acompanhando, ajudando.

Pë ã tatihtë: Vocês não falem.

Pë kuaatihë: Vocês não se mexam.

Pë puhi kutihë: Vocês não pensem ou não reflitam.

Pêê nahe hamiwë: Tabaco é muito forte.

Pêê nahe nosi: Tabaco é muito usado ou fraco.

Pêê nahemoki: Semente de tabaco.

Pêê: Tabaco.

Pëhëki: Nós dois.

Pëhë ki kupë rë: Nós vamos dizer assim mesmo.

Peheria: São muitos. Cheio, lotado.

Peheta tatori: voltem, retornem.

Peheti: Verdade.

Pehetimou: Essa palavra indica a pessoa que está falando a verdade.

Peheyatiahë: Não fique andando no meio das pessoas e atrapalhando.

Pehikâi: Pessoa viajante no barco, avião e de voadeira.

Pehi xaipou: Puxar. Arrastar.

Pei u kasi hami: Lá na beira do rio.

Pei yohami a katitou: Locomover-se mantendo sempre um dos pés no chão.

Pei wanasi: Você é muito mentiroso.

Pë korayoma: Eles retornaram para o seu xapono.

Pëmaki ta aumo: Nós vamos lavar o nosso corpo.

Pëmaki ta yarimo: Nós vamos banhar no rio.

Pëmaki: Somos nós.

Pëna: Rato. Tipo de rato que é marrom.

Pënomi: Não está com febre.

Pepi hami: De baixo.

Përaanomi: Não foi deixado. Com essa palavra não foi deixado no lugar.

Përai: deixar de volta. Nessa palavra indica deixar de volta de onde foi tirado.

Përakema: Já foi deixado de volta. Nessa palavra se refere o objeto já foi deixado no lugar.

Përayoma: Ficou com febre.

Përia: Deitado na rede.

Përiayoma: Mulher chefe.

Përihiwë: Morando em outro lugar.

Peripo a xii: a luz da lua ou do sol.

Peripo: Lua. É o clarear da noite.

Pëta praiyo: Venha aqui fazer as suas danças.

Piëmai: Descendência. Construir a família, deixar descendência.

Piremari: Ave semelhante ao tucano, porém menor.

Pixa hena: Folha de palmeira.

Pohorua nahi: Pé de cacaueiro.

Pohorua uki: Suco de cacau.

Pohorua: Cacau.

Poko u hami: Afluente do igarapé.

Poko: Braço da pessoa. Afluente do igarapé.

Pokoki: Braços.

Pokopoko: Afluente do igarapé.

Poo këko: Pedra. É uma pedra grande e sozinha.

Pora yapë mima: Eu estava vendo as cachoeiras.

Pora: Cachoeira.

Porakapi: Dois. Dessa palavra indica duas pessoas ou dois objetos.

Poremou: Delirar pessoa se falando a noite quando dormindo.

Porepi: Bêbado. Chapado. Sob os efeitos do paricá.

Poreporema: Barranco do rio.

Potoma: Mutuca. Inseto hematófago, comum.

Poxe: Porco caititu.

Paxo una mopi: É osso de macaco.

Poxotoiwë: Acará. É o peixe do rio e no igapó.

Praiai: deixar no chão, essa palavra praiai é usada só no momento de reahu.

Praiai xoa: Está dançando ainda.

Praima: Dançou. Já dançava na festa.

Preari: Veado menor.

Proreprore: Afrouxar.

Pruka tẽ pẽ mãyo: É muitos rastros.

Pruka: Muito.

Pruka pẽ kopema: Chegaram muitos.

Pruxima: Tatu menor.

Puhi hatukëi: Aprender e começa a pensar.

Puhi hirai: Ensinar como pensar.

Puhi mohoti: Pessoa que não sabe fazer e nem sabe pensar.

Puhi: Pensamento.

Puhi okimai: fazer alguém sofrer, causar sofrimento.

Puhurai: Não querer emprestar algo porque a pessoa também não quis te emprestar alguma coisa antes disso.

Puka tuhami: Outro lado do rio ou lado do xapono.

Purunama usi horai: Ele está soprando o cano de flauta, tocando flauta.

Purunama: Flauta.

Puu kesi: Cana-de-açúcar.

Puu naki: Grupo de abelhas que são retiradas de uma colmeia.

Raamou: Gemer. A pessoa gemer de medo. Gemer no sonho quando está dormindo.

Raekai: Sacudir.

Rahaka: Ponta de flecha, é a arma dos povos yanomami para a caçaria.

Ramai: acordar alguém.

Rami: Caçador.

Rape: Cumprido. A pessoa mais cumprida, pessoa alta.

Raxa amo: Palmito de pupunha.

Raxa hiki: Farinha de pupunha.

Raxa këmo: Carço de pupunha ou semente.

Raxa nahi: Madeira de pupunha.

Raxa uki: Vinho de pupunha.

Raxa: Pupunha. A alimentação do povo yanomami.

Reaamo: Tipos de lagartixa.

Reha: Lagartixa.

Rërëi: Correr rápido, com velocidade.

Riaprai: Tomar ou ter parte em, compartilhar de refeições, comer junto.

Ripihihiwë: Marrom ou roxo.

Roa: Sentado no chão.

Roha: espécie de rato que é comestível para os yanomami.

Rohote totihiwë: Estava muito velhinha.

Roketayoma: Sentou-se lá.

Ropaai: Andar mais rápido.

Rope: Rápido. Esta palavra pedindo mais rápido possível o objeto ou as coisas.

Rurupou: Seguindo junto. Caminhar junto no caminho.

Ruwëri: Demônio do espírito, espírito da noite que aparece.

Sapai: É o pássaro que sempre come a piaba.

Si ururou: Mergulhar no rio.

Sikomi: Cogumelo comestível para os yanomami.

Sioha: Cunhado. Dessa palavra indica duas palavras que é um cunhado ou um genro.

Siohapi: Genro dele.

Siohayë kē a: É o meu genro.

Sipara a hute: Este terçado é pesado.

Sipara: Terçado.

Sipatahawë: Habilidade de enfrentar o medo, a dor, perigo, a incerteza ou intimidação, intrepidez, audácia, fé, autoconfiança.

Sipoai: Enterrar no chão.

Si ururou: Mergulhar no rio.

Suhai: Engolir. Vomitar. Engolir o alimento na boca. Vomitar que é o alimento mastigado que sair da boca.

Suhi: Escorpião. Inseto que pica os seres humanos.

Suhirina: Caçador profissional de matar as caças.

Supre: Grosso.

Suri: Formiga correição.

Sutia: Grudado. Que se grudou.

Suwë: Mulher.

Suwëhë: Tua esposa. Tua cunhada.

Suwëhëru kē a: Esta menina.

Taamahe: Usava. Usava faz tempo.

Taaprai: Não oferece, o mesmo que sovinar.

Taei: Procurar.

Taetihehë: Não procure.

Tahimi: Relampago forte. Essa palavra sempre utiliza quando está trovejando.

Tai piyëkou: Fazendo as coisas por outro lado.

Tamai: Mandar fazer. Fazer objeto para alguém.

Tamatima: responsável por uma obra, um trabalho.

Tana: Fruta. Fruta do jenipapeiro.

Tanahi: Irrigada.

Tapi hami: Deixe para fazer depois, mais tarde.

Tapou koami: Não estou mais aguardando.

Tapramai: ver ou conhecer. Deixar de fazer.

Taprarema: Fazer. É uma preparação para ser feito o objeto.

Tarara: Jaguararu. Dessa palavra indica um tipo de lagartixa do rabo pintado.

Tare: Podre. Essa palavra indica as coisas que não prestam. Essa palavra é utilizada somente quando apodrecem as coisas.

Tatetate: Maduro.

Tëai xi totihitawë: Querendo se casar, pegar alguma coisa.

Tëai: Pegar.

Të a tahirirë: Pode ouvi-lo.

Teãteãmi: Bem-te-vi. Ave passeriformetiranídea.

Tëëhëkëa yai: É tua filha de verdade mesmo.

Tëëpi: Filha dele ou dela.

Tëpë: Tamanduá.

Tetewë: São muitos.

Texo nateki: Ovo de beija flor.

Tiëi: Cavar e costurar.

Tihetiprai: Dividir. Retalhar.

Tikutikumou: Dançar para frente e para trás.

Timi timi: Direito. Braço direito.

Timio: Decer no rio.

Titai: Cavar o buraco com a mão.

Titi: Escuro. Esta palavra indica noite.

Titiai: Deixar no buraco, ou vestir os ihiru.

Titipou: guardar dentro do buraco ou dentro da casa numa maleta. Ou uma pessoa usando a roupa como calção e a camisa, estar vestido.

Toai: Colher. Essa palavra indica colhendo as frutas no chão.

Tokori: embaúba.

Tokuu: Fugir. Ou se perder na mata.

Tomai: Consertar.

Tomano: Consertado.

Tomi: Cutia.

Tomimou: Nessa palavra significa quem rouba as coisas do outro.

Tomo: Tipo de calango que sempre fica no sol.

Too: Cipó.

Topë: Miçanga.

Tori: Carrapato.

Toropo: Rato.

Tororamai: Ocupar o espaço vazio, completar.

Totihitaapraimi: Não acho bom. Não gosto.

Totori: Jabuti.

Tuaai: Nascente do igarapé nas montanhas.

Tutu akasi: Casa de cupinzeiro que é grudado no pau.

Uhutitiwë: Indivíduo que sofre de fraqueza, sem vigor e sem força.

Umohoru: Tamanho pequeno. (Exemplo) a panela pequena.

Umoromi: Arumã. Este arumã serve para fazer tipiti.

Upraa: Em pé.

Urihi hamì a kuoma: Ele estava no mato.

Urihi: Floresta.

Uwāuwāmi: Borboleta.

Wa naki: Estridente.

Wa xomi iai: Você só come à toa, não quer trabalhar para comer.

Wa xomi tomimou: Você só que roubar as coisas do outro.

Waha hirii: Ouvir. Ouvir algo informação sobre a pessoa ou objeto.

Waha hirou: Pessoa parentesco ou descendente.

Waha no wayoai: Falar das pessoas, fazer fofoca.

Wahamapi: Cunhada dele ou dela.

Wahari: Viúvo ou viúva. Essa palavra indica que a esposa ou o marido já faleceu. Também se refere à criança que perdeu o pai ou a mãe (órfão).

Waha yuahērimahe: Batizavam os nomes dos lugares. Ou pelo nome da pessoa.

Wahe yatiai mai: Não fale mais, fique quieto.

Wahimar: Mostrar. Indicar.

Wai: Comer.

Waiha wa xēpehe: Depois eles querem te bater, querem brigar com você.

Waiha: Espera. Se acalme, espere mais um pouco, não tenha pressa.

Waiha pē wayamou: Depois fazer a ritual da noite.

Waikitaroma: Porque não morou fixo por lá? Por que ele não ficou por lá?

Waikitou: Dar uma pausa no trabalho. Descansar para depois terminar o trabalho.

Waikiwē: Acabado.

Waikoya: Sucuriçu.

Waiteri: Valente. Muito valente.

Waka: Tatu canastra. Essa palavra indica um tipo de tatu que é comestível para o povo yanomami.

Wakama: Ingá beira do rio.

Wakara: Madrugada. Meia noite.

Wakarai: Amanhecendo.

Wamai: servir algo para alguém se alimentar.

Wamaki imima: Nós já andamos por cima de um pau.

Wamaki wausi: Vocês são gulosos.

Wamaki: São vocês. É o outro grupo de pessoa.

Wana: Taboca beira do rio.

Wa nakamahe: Você foi chamado.

Wano nakou: Pedir para alguém.

Wano taremi: Fofoqueira. Uma mulher se fofocando para as outras pessoas.

Wano tarewë: Fofoqueiro. Passar informação, ou deixar a fofoca para a outra pessoa.

Wano tayou: Grito de guerra.

Wano a përakemahe: Deixaram uma informação.

Wanokeo: quando chega a informação ou a fofoca também.

Wapai piëkou: Experimentar várias vezes.

Wapai: Experimentar. Tentar.

Wa përio tēhë: Você morava naquele lugar.

Wa puhi taou: Você está aprendendo.

Wara kesi: É uma ferida.

Wara: Ferida.

Warama kesi: Paneiro é feito de arumã.

Wararawë: brilho, reflexo.

Ware a napëmai: Ele me odeia.

Warë ki hora: Parece que é o porco está chegando. (Chegou para ser vendido ou foi caçado e está sendo trazido pelos caçadores, ou porque foi visto)

Warë: Porco queixada.

Ware a ta yimikamari: Pode me avisar.

Warihito tai: A criança sempre suja sua roupa ou rasga o seu cardeno.

Warii: Perguntar.

Warimahi: Samaumeira. Aquela árvore mais grande.

Wariorema kohexiki: É a aranha.

Wariorema: Aranha caranguejeira. Dessa palavra os tipos de inseto que morde ou pica o corpo da gente.

Wariti tēja: Prazer que se sente em fazer sofrer ou em ver sofrer.

Waritiwë: Feio. Doente. Essa palavra indica os dois, é uma pessoa feia ou doente. Ou objeto feio.

Wāro: Homem.

Warokema: Primeiro contato.

Waroko: Objeto não feito, não terminado ou acabado.

Wasipou: Não deixar sair da casa.

Wata: Tipo de cobra. A cobra comestível.

Watëai: Acabar. Terminar.

Watori: Vento.

Watota a here: A roupa está molhada.

Watota ya yaru: Lavo a roupa.

Watota: Roupa.

Watupa a yëi: O urubu voa.

Watupa: Urubu. Essa palavra é o usado somente quando vir o urubu.

Wawayou: Conversar. Conversa dos pata pata. Reunir todo o povo yanomami.

Wawëmai: Limpar. Fazendo a limpeza ou a roça.

Wawëprai: Fazer a limpeza.

Waxai: Descascar. Essa palavra significa descascar a mandioca e outras também.

Waxëpikanosi: É a marca do leishmaniose do corpo da pessoa.

Wayahoromi: Urutau. Pássaro da noite.

Wayamou: É o ritual anoite. Pedir algum objeto para o Xapono. No momento que acontece quando o visitante chegar.

Wayumou: Guerrear. Os guerreiros guerreiam entre outros grupos de pessoa.

Wayapaxi: Esquilo.

Wayapotorema: Tipo de cobra. Essa cobra não é venenosa.

Wayu: Guerreiro. A palavra é utilizada somente pelos mais velhos.

Wãyua: Ato ou efeito de alucinar, percepção de sensações de um causador real.

Wayumi: Grupo de viajante.

Wayuru: Muito com raiva. Muito zangado.

Wëhërama: Tiririca. É o tipo de capim.

Werehi: Papagaio. Esta palavra é o nome de pássaro que é conhecido jenipapo para os yanomami.

Weti a kuu yaiope: Quem poderia dizer.

Weti terihë kë a: Qual seu parente ou qual seu parentesco?

Weti wa waha: Qual seu nome?

Weti wamaki: Quem são vocês?

Wetini ware awahano wëyëma: Quem estava fofocando sobre mim?

Wii: Aturá. Dessa palavra todas as mulheres yanomami utilizam. Tipo de cesto feito pelo yanomami.

Wito kehi: Pé de cajueiro.

Wito uki: Suco de caju.

Wito: Caju.

Wixa ki imii: Os cuxiús está andando por cima do galho.

Wixa: Cuxiú. Espécie de macaco preto.

Wiya hami: Anteontem.

Wiyaha: Ontem.

Wiyate: Mais tarde, de tarde.

Wa nosi yauotama: Você não está me seguindo.

Xama: Anta. Essa palavra é o nome de animal.

Xamakoro kehi: Pé de mamão.

Xamakoro: Mamão.

Xama yimikaki: Orelha de anta.

Xapomi a tuyëi: Tirando o mel de jantaira.

Xapomi: Jantaira. É uma abelha.

Xapono pë paxihou: Espalhando-se em cada grupo.

Xaraima ato: É o calango.

Xaraima ya atopë niai: Estou flechando os calangos.

Xaririwë: Reto, alinhado.

Xawarani yahe nini: Estou com dor de cabeça com a epidemia.

Xëma: alguém bateu em outra pessoa (bateu).

Xëmai: apanhou.

Xereka kesi: Pé de flecha.

Xerenaki: Pulmão. Cada um de dois órgãos respiratórios, nos vertebrados que têm respiração aérea.

Xererou: Ato de espalhar um grupo das pessoas, quando o grupo se espalha.

Xëyëi: Lançar. Lançar pedra.

Xëyoma: brigaram, bateram um no outro.

Xi hariwë: Pessoa apressada.

Xihëna: Cutiaia.

Xiho: Tucandira.

Xiki: Vegetal. Esse vegetal serve para a utilização do povo yanomami. Era usado para fazer corda.

Ximorewë: Círculo.

Xinari uhi: Pé de algodão.

Xinari: Algodão e também a linha de costura.

Xipari: Arraia.

Xipëna: Grávida. Mulher gestante.

Xirepima: Linha de pesca.

Xiriki: carne seca, moqueado, quando está cicatrizando a pele, manchas.

Xirimo: Lança. Essa palavra é utilizada sempre com os mais velhos.

Xiririmi: Juriti. É o nome de ave que é semelhante do inambu relógio.

Xiwarihai: Enrolar e complicar, colocar dificuldade para não ajudar.

Xoayou: Convidar. Convidando para as outras pessoas.

Xoko: Mambira. Espécie de tamanduá.

Xokomou: Arrostar. Dar arrote; expelir pela boca gases provenientes do estômago.

Xomayaiwë: Antes, passado.

Xopohai: Passando um pouco de urucum vermelho no corpo da gente.

Xopoxopo: Início de amadurecer, em processo de maturação.

Xoriwë: Meu cunhado.

Xoro: Andorinha. É o nome de pássaro.

Xuhema: Abano. Significa dessa palavra abanar o fogo. Dessa arte é para mulheres que sabem fazer.

Xukumi: Periquito. Essa palavra indica o pássaro jenipapo.

Xurukou: Se preparando para viagem. Essa palavra é organizar a viagem.

Xuwëxuwë: Inchado.

Ya amixi: Estou com sede.

Ya êpenamou: Eu vou cheirar paricá.

Ya kôai pario: Eu vou busca-lo e trazê-lo.

Ya maharixi: Estou com sono.

Ya parii: Vou em frente.

Ya saihi: Estou com mito frio.

Ya tapranomi: Eu não vi ele.

Ya wakehe: Estou suado.

Ya yutukuwë: Eu estou com meu corpo todo doendo, dolorido.

Yaa hena rië: Esta folha é verde.

Yaai: Assar.

Yaai: Atar rede.

Yahetipa: Poraquê.

Yahi: Casa. É a uma casa de construção.

Yahimou: Fazer a casa.

Ya horiprou: Estou com muito vontade de dar algum presente para meu amigo.

Yai: Monstro. Essa palavra indica como monstro onça, crocodilo, baleia.

Yaipëreha: Atrás.

Yaiprawë: Separado.

Yakao: Deitar junto numa rede.

Yakëhoumai: Não pode errar. Errando na hora de escrever ou no caminho quando andar sem experiência.

Yakoremou: Remar na canoa no rio.

Yamaki iai: Estamos comendo.

Yamaki: Somos nós. Muitas pessoas entre eles.

Yamakini hario: Estamos cozinhando a nossa broca, comida, carne, rancho, alimento.

Yamaki ohinomi: Não estávamos passando com fome.

Yami: Sozinho: Essa palavra indica quem este sozinho ou sozinha.

Yano: Barraca. Construção provisória, geralmente feita com materiais reciclados.

Yanomami kahira: Yanomami é falante. Defende seus direitos.

Yaokorema: Cucura. Dessa palavra indica um tipo de palmeira chamado cocara.

Yapi ihirupi: Filhote de jacamim.

Yari: Temporal.

Yaraka: Piaba. Que sempre vive nas cachoeiras.

Yarë kuuwei: Eu disse em algum momento.

Yarehai: Carregar no ombro.

Yarimou: Banhar no rio.

Yarohë: Tua carne.

Yaropi: Seu parente, sua família.

Yarorowë: Pendurado.

Yãru a homou: O trovão está se trovejando.

Yaruu: Dar banho nos ihiru no rio.

Yaruxe: Coati ou quati. Essa palavra indica um nome de animal que a coate.

Yaxai: A pessoa não paga o seu trabalhador direito, paga só uma parte, só um pouquinho.

Yayë kë a: Avô, tia, sogra.

Yâyôkowë: Formar um rolo.

Yei: Babaçu. Essa palavra um tipo de palmeira indica chamada babaçu.

Yërayoma: Voou. A ave voou.

Yëtëamai: Colar, grudar.

Yëtuhami: Faz tempo. Essa palavra indica o tempo passado.

Yipimou: Primeira menstruação da menina, regrada.

Yoayou: Instrumento para bater de uma corda ligada a um cabo mais rígido.

Yohoai: Tampar ou pôr na cabeça.

Yoi: Abelha.

Yoka: Porta ou entrada do caminho.

Yomatahepi: Vaso sanguíneo aferente do coração, veia.

Yono mohi: Árvore de milho

Yono moki: Semente de milho.

Yono: Milho. Grão da planta de mesmo nome.

Yorehi kesi: Paneiro feito de cipó.

Yoreketerami: Pico de braça. Pássaro pico de vermelho.

Yoripiyoripi: Fixador.

Yorooa: Zarabatana.

Yoruu: Rever. Rever em cima do fogo, vigiar as panelas para ver se a comida já está pronta ou cozida.

Yototowë: Bem organizado. As coisas bem organizadas.

Yupu uxi: Cinza de fogo.

Yurehërima: Levou. Essa palavra afirma quem levou o objeto.

Yutuyutumou: Pular. O sapo está pulando. O homem pula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apontado pelos doutores no exame de qualificação, os povos yanomami que autodenominam sua língua como Waika Kãrina levam em consideração não apenas a língua, mas sua trajetória de expansão territorial. O caminho que nos trouxe das serras para a beira do rio Marauiá, no caso do xapono Pohoroá, tem a ver também, com a implementação da escola. A educação do napë não é a mesma que precisamos no xapono. Por esse motivo, é necessário criar materiais específicos para os povos yanomami que chamam sua língua de Waika Kãrina. O vocabulário iniciado aqui é um material necessário para nossos ihiru. O vocabulário está em estágio inicial de elaboração e será desenvolvido após a defesa de mestrado, com ajuda dos pareceres dos doutores. Também registro aqui o empenho do gestor Dr. Paulo Sousa e do meu orientador, Prof. Agenor, para a construção da escola do xapono Cachoeirinha.

REFERÊNCIAS

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

MIRANDA, Tamara Aparecida. Os Yanomami do Rio Marauíá: trajetória e contato. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2020.

PARAHITERI, Pajés. Os comedores de terra. Organização de Anne Ballester Soares. São Paulo: Hedra, 2017.

REZENDE, J.S. Crianças Indígenas de Iauareté: Fortalecimento das identidades e diferenças. In: NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Antonio H. Aguilera (org.). Criança Indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais. Brasília: Liber Livro, 2011.

JABRA, Daniel. “Os brancos estão chegando, trazendo escola, missão e saúde”: relações yanomami através da escola. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2022.

RAMIREZ, Henry. Iniciação à língua Yanomami. Manaus e São Gabriel da Cachoeira: Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, 1990.

BALLESTER, Anne. Apresentação. In: PARAHITERI, Pajés. O surgimento dos pássaros. Organização de Anne Ballester Soares. João Pessoa: JC Editora, 2018.

ANEXO I - DOCUMENTÁRIO

Documentário que registra a festa reahu realizada no xapono Balaio com os professores napë foi também registrada em vídeo, como parte do projeto desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Esse documentário foi produzido durante a vivência dos professores no território, com participação da comunidade, e mostra alguns dos momentos de dança, pintura e canto, além de entrevistas com os mestrandos.

Mestres Yanomami do Rio Marauiá (2024)

Produção: PPGSCA/UFAM

Disponível em: <https://youtu.be/gFeu-lDAEZ0>

ANEXO II - FOTOS

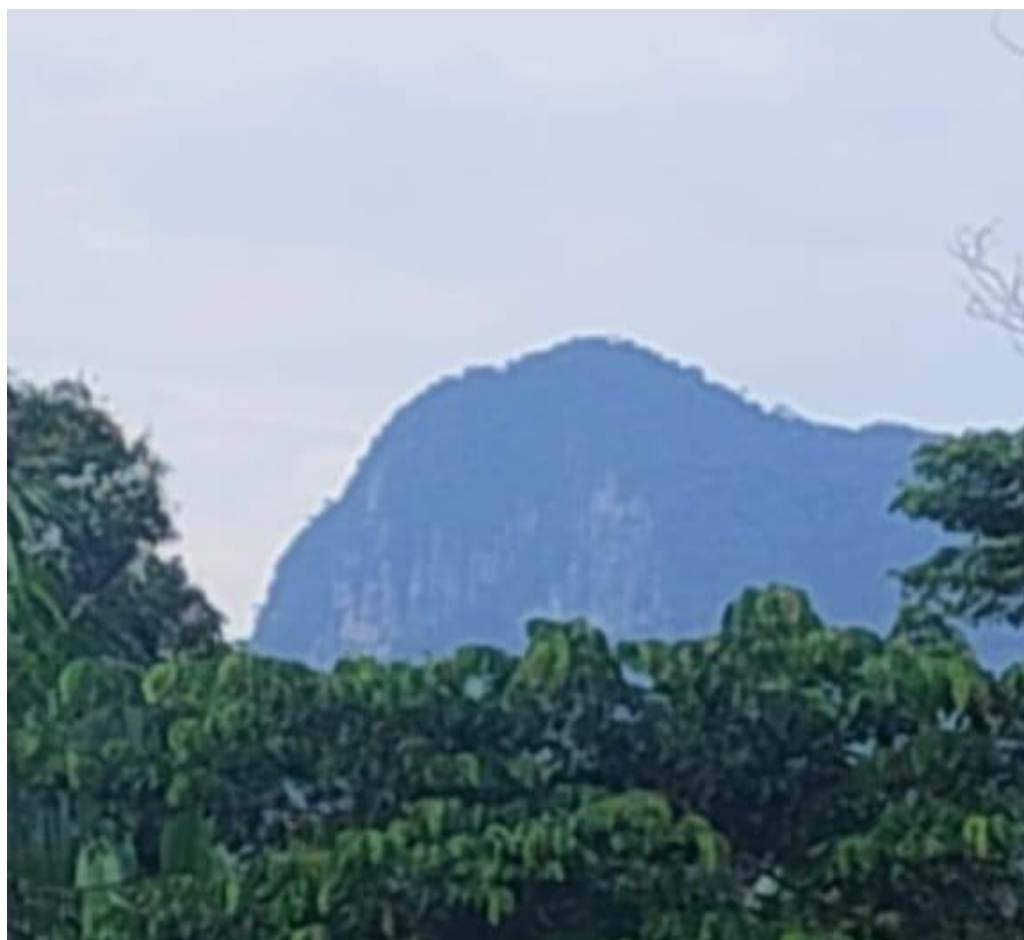


Imagem 02 - Serra de onde desceram os yanomamis mais antigos do Marauíá



Imagem 03 - Xapono Pohoroá



Imagem 04 - Vista aérea do xapono Pohoroá. Registro antigo.



Imagem 05 - Xapono Pohoroá. Registro antigo.



Imagem 06 - Paisagem do Xapono Pohoroá. Registro Antigo.



Imagem 07 - Jogo de futebol no xapono Pohoroá.



Imagem 08 - Anexo da Escola Estadual Indígena Sagrada Família em Pohoroá



Imagem 09 - EEISF Anexo do Xapono Pohoroá



Imagem 10 - Encontro de professores yanomami



Imagem 11 - Edinho no encontro de professores yanomami



Imagem 12 - No estágio supervisionado em agroecologia, IFAM-SGC



Imagem 13 - No estágio Supervisionado



Imagem 14 - Construção do novo xapono Cachoeirinha.



Imagem 15 - Orientação com professor Agenor



Imagem 16 - Estudo sobre adubo no estágio supervisionado



Imagem 17 - Professora Terezinha Bueno



Imagem 18 - Odorico e Edinho em aulas do mestrado no xaponbo Balaio

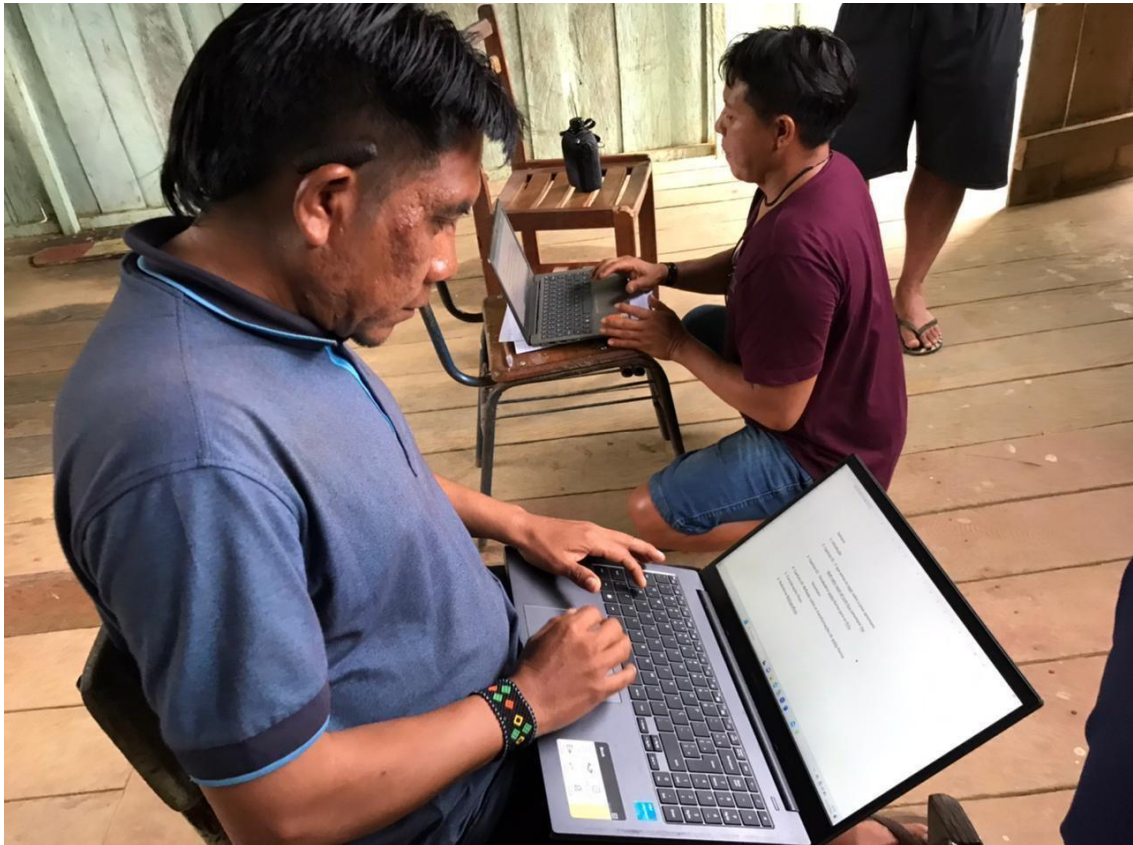


Imagem 19 - Edinho e Modesto em aulas do mestrado no xapono Balaio

ANEXO III - AUTORIZAÇÕES



6322118

08780.000069/2024-91



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS
COORDENAÇÃO REGIONAL DO RIO NEGRO

OFÍCIO Nº 192/2024/CR-RNG/FUNAI

São Gabriel da Cachoeira, data da assinatura eletrônica.

A senhora
Joênia Wapichana
Presidente
Presidência da FUNAI

À AAEP

Assunto: Ciência da CR Rio Negro para ingresso em Terra Indígena - Ofício nº 023-FOIRN (SEI nº 6322056).

Referência: Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 08780.000069/2024-91.

Senhora Presidente e AAEP,

1. Venho a informar que esta Coordenação Regional tem ciência e está de acordo com o ingresso das pessoas citadas no Ofício nº 366-FOIRN (SEI nº 6322056), conforme Carta de Anuência SEI nº 6322069, o ingresso dos professores Da Universidade Federal do Amazonas e do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia (UFAM/PPGSCA), CAIO AUGUSTO TEIXEIRA SOUTO RG nº [REDACTED] CPF nº [REDACTED] E AGENOR CAVACANTI DE VASCONCELOS NETO RG nº [REDACTED] CPF nº [REDACTED].

2. O objetivo do ingresso é proporcionar aos alunos uma compreensão aprofundada da sociedade e cultura do *Ameetshin*, com foco nas especificidades do etnia Yanomami. Desenvolver habilidades de pesquisa, análise crítica e produção acadêmica entre os alunos. Promover o diálogo intercultural entre os conhecimentos tradicionais Yanomami e as abordagens acadêmicas, entre os dias 24 de fevereiro de 2024 até 23 de março 2024.

Anexo: 1 - Ofício nº 023 -FOIRN (SEI nº 6322056).

Atenciosamente,

Assinado Eletronicamente
MARIA DO ROSÁRIO PILOTO MARTINS
Coordenadora Regional CR Rio Negro



Documento assinado eletronicamente por MARIA DO ROSÁRIO PILOTO MARTINS, Coordenador(a) Regional, em 22/02/2024, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site:
https://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=cha_verifica_documento_sei&id_documento=6322118&id_codigo_crc=2F83051A, informando o código verificador: 6322118 e o código CRC 2F83051A.

Balaio dia 18 de Abril de 2025.

Autonização de Uso e Divulgação de Material Audiovisual. Eu, Darilton Yanomami Xilita Hagata, brasileiro, indígena do povo yanomami, casado, responsável pelo Xapemo Bulcio, situado no Rio Manauia (Terra Indígena Yanomami), inscrito no CPF: 566.040.700-088, 112-70, venho, por meio deste documento, autorizar a divulgação, para fins exclusivamente acadêmicos e não comerciais, do vídeo intitulado "Mestres Yanomami do rio manauia", produzido em colaboração com o programa de pós-graduação Sociedade e Cultura no Amazonas (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), disponível no canal do YouTube do PPGSCA. Autorizo também, que o referido vídeo possa ser incluído para livre circulação, em meios acadêmicos, respeitando os direitos culturais do povo yanomami, e que seja vinculada aos trabalhos acadêmicos de:

Odorico Xamatari Hagata Yanomami
Edilino Yanomami Yanimima Xamatari
Modesto Yanomami Xamatari Amanoko

Igualmente, autorizo sua exibição durante os atos públicos de defesa e divulgação de meu trabalho realizado no âmbito da UFAM. Declaro que esta autorização é concedida de forma livre, consensual e irrevogável, com pleno conhecimento dos objetivos educativos e científicos envolvidos, e que nenhum uso comercial poderá ser feito do material ora autorizado sem nova consulta e expressa anuência dos autores e da comunidade.

Rio Manauá 18 de Abril de 2025

- 01: Amílcar Yanomami
- 02: Lilo Xiita Yanomami
- 03: Marcelino Yanomami
- 04: Nipka Xamatarí A. Y.
- 05: Agriel Waimari Heavéi Y.
- 06: Edson Pohorapitoni Yanomami
- 07: Nelson Yanomami
- 08: Ednei Waimari H. Y.
- 09: Maurício Yanomami
- 10: Ronaldinho P. Yanomami
- 11: Cássio W. H. Yanomami
- 12: Nelson P. Yanomami
- 13: Inácio Yanomami
- 14: Cleonildo J. Amalhe Yanomami
- 15: Claudinei P. Yanomami
- 16: Lito Yanomami
- 17: Eustáquio Yanomami
- 18: Olívio Yanomami

ANEXO IV – ARTIGO PUBLICADO EM COLETÂNEA

IN: NORONHA, Nelson Matos de (org.). Rio Negro Terra Indígena: Estudos interdisciplinares Cultura, Direitos, Arte e Educação no Amazonas. Alexa Cultural e EDUA: São Paulo e Manaus, 2024. ISBN 978-85-5467-400-7

PENSAMENTO YANOMAMI NA CIÊNCIA – CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA MATERNA YANOMAMI WAIKA DO XAPONO POHORÓÁ

Edinho Yanomami Yairimina Xamatari²
Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto³

RESUMO

Neste artigo, conta-se um pouco sobre a trajetória de Edinho Xamatari, do povo Yanomami do Rio Marauíá. A partir de sua experiência como professor, ele fornece um exemplo de metodologia do ensino da língua yanomami para os primeiros anos da educação básica. Por meio de uma música, de um canto composto por ele, pratica-se a educação bilíngue yanomami-português. Por fim, o autor tece considerações sobre a ciência do “branco” e a ciência do *hekura*, afirmando que há uma relação entre as práticas científicas e as práticas xamânicas dos Yanomami. A música e o canto é um dos elementos rituais dos xamãs-pajés, estabelecendo uma continuidade entre as composições musicais do autor, sua metodologia e a produção do conhecimento dos *hekura*-pajé. Palavras-chave: *ihiru* (criança/menino), *puhi taamatima* (escola), *hekura* (espírito e/ou pajé) educação yanomami, pedagogia

ABSTRACT

In this article, we tell a little about the trajectory of Edinho Xamatari, from the Yanomami people of the Marauíá River. Based on his experience as a basic education teacher, he also provides an example of a methodology for teaching the Yanomami language in the first grades. The work of the Yanomami bilingual methodology in schools involves curriculum planning, linguistic immersion, content integration, appreciation of culture and teacher training. It is important to create an environment in which both languages are used authentically and meaningfully, providing opportunities for students to develop skills in both languages. Furthermore, the methodology must integrate content from different disciplines, value the culture associated with each language and ensure that educators are adequately prepared to teach bilingually. Keywords: *ihiru* (child/son), *puhi taamatima* (school), Yanomami education

INTRODUÇÃO

O formato desse artigo é inspirado na metodologia consolidada entre

² Mestrando do PPGSCA/UFAM. Professor da Escola Estadual Indígena Sagrada Família no Xapono Pohoroá, Amazonas, Brasil.

³ Doutor em Antropologia Social pela UFAM. Professor colaborador do PPGSCA/UFAM.

Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019). A seguir, Edinho Yanomami escreve seu próprio texto, conta sua trajetória e explica seus anseios como pesquisador de mestrado. Ele busca contribuir para a educação dos *ihiru*⁴ de sua comunidade, *Pohoroá*⁵. Como seu orientador, intervi o mínimo possível, apenas quando foi indispensável para o melhor entendimento do texto por pessoas não iniciadas na cosmovisão e letramento indígena, *yanomami*. Ou seja, para aqueles que não são fluentes na linguagem cosmológica dos povos indígenas e não conseguem produzir ciência a partir das matrizes epistemológicas dos povos brasileiros.

As notas de rodapé buscam informar o leitor sobre dados e categorias que são indispensáveis para a compreensão inicial de uma epistemologia yanomami. Portanto, o desenvolvimento do texto segue os pensamentos de Edinho, professor de seu *Xapono*⁶, filho de liderança. Pensamento yanomami cunhado em uma tradução para o português, que acaba por distorcer a forma de entender a epistemologia yanomami. Isso devido as limitações da própria língua portuguesa e seu ranço colonial. Ele documenta e produz dados para a ciência e a bibliografia especializada sobre o povo yanomami do rio Marauíá. Será um dos primeiros mestres yanomami da região.

O que Edinho chama de “ciência yanomami” é o conjunto de conhecimentos e metodologias que permite aos yanomami viverem há milhares de anos nesse território. A própria ciência não garante, no contexto das comunidades yanomami, conforto e acesso a recursos primários. Conforme afirma Edinho: “É a ‘ciência yanomami’⁷ que garante isso”.

Caça, pesca, coleta e manejo da floresta, por exemplo, estão embasados em conjuntos de conhecimento que possuem muito mais relevância na vida cotidiana desses povos do que a ciência “ocidental”. A esses conjuntos de conhecimento ele chama de “ciência yanomami”. Eu concordo plenamente.

Para ilustrar a forma como Edinho me pacifica – em referência a obra

⁴ *Yhiry* = filho (Emiri, 1987, p. 34). *Ihiru* = termo de parentesco; filho (Lizot, 2004, p. 125).

⁵ Fica localizada no final do segundo afluente subindo o rio Marauíá. Segundo contou Edinho, *Pohoroá* significa “lugar que dá muito cacau”.

⁶ Conhecido na literatura e no senso comum como “maloca”. Mas estamos diante de uma categoria específica de habitação coletiva, muito singular dos povos yanomami. Um traço arquitetônico que também marca sua organização social e epistemológica.

⁷ Não cabe problematizar a terminologia “ciência” aqui. Edinho age de maneira simétrica aos cientistas, apropriando-se de sua principal arma, que garante sua hegemonia epistemológica: a nomenclatura, a classificação. Essa prática de Edinho, parece convergir com a metodologia de contracolônização de Antônio Nego Bispo dos Santos (2023), um dos tópicos de nossas aulas.

organizada por Bruce Albert e Alcida Rita Ramos (2002) – ou melhor, como ele, e os seus colegas de turma yanomami, “me yanomamizam”, darei um exemplo. Descrevo, a seguir, como essas questões apareceram em nossa convivência no decorrer das atividades da disciplina Formação do Pensamento Social na Amazônia⁸, realizadas no primeiro semestre de 2023.

A disciplina, que ministrei em conjunto com a Professora Doutora Iraíldes Caldas Torres, encerrou com uma atividade prática de trabalho de campo. A turma se preparou para um pernoite em um sítio de São Gabriel. Prática muito comum entre os gabrielenses é ir para o sítio nos finais de semana. Parte desses sítios se localizam em áreas indígenas ou nas estradas e rios que levam a elas. Atividades como roda de conversa, esporte e música seriam os eixos da socialização do conhecimento nesse encerramento da disciplina intensiva.

Para resumir os acontecimentos, primeiramente, conto um dos fatos que ocorreu nessa atividade de campo. Quando os homens foram armar suas redes no local indicado pelos organizadores da atividade, por volta das 19h, os alunos yanomami já estavam com banho tomado e foram me procurar para armarmos a nossa rede juntos, pois “aquele momento seria o mais adequado para orientações”, argumentavam os três discentes Yanomami (Edinho, Odorico e Modesto). Isso já indica uma premissa do método yanomami: a noite é mais adequada para conversas e trocas de conhecimentos.

Escolhemos os lugares, mas eu não conseguia armar a rede. Todos os yanomami gargalharam quando eu pedi ajuda. Edinho (2023, trabalho de campo, São Gabriel da Cachoeira-AM), disse de maneira muito didática: “Esses conhecimentos da ciência não servem para muita coisa, né professor? Nenhum doutor de vocês sabe armar rede. A gente sabe, professor, como ficar mêeeeeeses na floresta. Não é todo mundo que sabe não. Tem que ter muita ciência.”

Por fim, outra situação que se repetiu diversas vezes, nessa prática de “yanomamização”, foi uma espécie de “telefone sem fio” de tradução yanomami-português que se estabeleceu entre Prof. Agenor, Edinho, Odorico e Modesto. Em determinado momento do exercício do trabalho de campo,

⁸ Disciplina obrigatória do curso de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM. Propõe-se a revisar a bibliografia produzida sobre a Amazônia, desde as primeiras invasões até as mais atuais produções acadêmicas sobre o tema, e entendê-la.

Odorico resolveu apenas falar yanomami comigo. Então, ele dizia que se eu quisesse saber o que ele estava dizendo, que eu fosse perguntar para Edinho ou Modesto. Metodologias que funcionaram, eu aprendi diversas palavras que utilizo até hoje nos nossos diálogos cotidianos por WhatsApp.

O artigo está estruturado da seguinte maneira. Na primeira parte do trabalho, Edinho conta resumidamente a sua trajetória de formação acadêmica, destacando a sua “desconstrução como *ihiru* na escola dos *napë*⁹”. Na segunda parte do desenvolvimento do artigo, o pesquisador busca descrever brevemente uma metodologia de aprendizado das primeiras palavras dos *ihiru* yanomami. A terceira parte é uma reflexão sobre a “ciência yanomami”.

Atento às aulas da disciplina Formação do Pensamento Social na Amazônia, na terceira parte do artigo, Edinho instrumentaliza a tese de Lévi-Strauss (2008), desenvolvida em sua obra *O Pensamento Selvagem*, na qual se estabelece um correlato e uma continuidade entre o pensamento “mágico” (e suas metodologias) e a ciência. Edinho não faz citação direta ou indireta sobre a obra desse antropólogo europeu, parece trabalhar com o óbvio, que seus conhecimentos têm o mesmo valor que a ciência. Sem se preocupar com a virada ontológica, ele trata a ciência *napë* e a ciência yanomami como conjuntos simétricos de conhecimentos, distintos, mas os dois são “ciência”.

Finalmente, sustentando tudo isso, o pano de fundo do trabalho de pesquisa do Edinho, e que talvez só seja viável o desenvolvimento dessa questão em um possível doutorado, sustenta a ideia de que a língua yanomami é a base epistemológica para acessar esses conhecimentos fundamentais para a vida na floresta e a escola é uma ameaça a esses conhecimentos¹⁰. A educação formal bilíngue proposta do estado do Amazonas em áreas indígenas, representa um perigo se não for bem planejada e executada.

OS YANOMAMI DE POHORÓÁ

Os Yanomami são um povo indígena diversificado que habita na terra, região de Marauíá, compartilhando uma forte ligação com a natureza¹¹. Suas

⁹ “*Napë* = (1) não yanomami, estrangeiro, branco. (2) Inimigo” (Emiri, 1987, p. 48)

¹⁰ Esse argumento é hegemônico entre os professores yanomami do rio Marauíá, conforme é possível conferir na dissertação de mestrado de Tamara Miranda (2020).

¹¹ Edinho aqui foca em sua área, pode parecer que ele se refere ao rio Marauíá como centro do povo Yanomami. Mas há três grandes áreas que são habitadas pelos Yanomami: Maturacá, no município de São Gabriel da Cachoeira, Rio Marauíá, no município de Santa Isabel do Rio Negro e, por fim, no município de Caracará em Roraima. Todas as áreas ficam próximas a fronteira entre Brasil e Venezuela. Indicativo de que o movimento espacial dos povos yanomami tem por premissa distância dos estados nacionais. Informações básicas sobre o povo Yanomami podem ser acessadas

crenças são profundamente respeitadas, envolvendo a interação com seres espirituais da floresta. Sempre acompanhado dos *hekura kēpē*¹², os pajés realizam rituais, conhecidos na literatura como o *yakoana* ou *hekuramou*. Estes rituais são para se comunicar com esses seres *hekura-kepe* e acessar seus conhecimentos, visando promover a saúde da comunidade.

Suas práticas rituais muitas vezes refletem uma cosmovisão que valoriza a harmonia¹³ com o ambiente natural. Com estas, a língua yanomami é fundamental para as crianças dessa comunidade indígena, pois é um elemento central da sua identidade cultural e epistemologia. Além disso, a língua é essencial para transmitir tradições, conhecimentos e valores específicos da comunidade, promovendo a preservação¹⁴ da rica herança cultural yanomami. O uso da língua na educação contribui para uma conexão mais profunda com a história e os modos de vida tradicionais, fortalecendo a coesão social e a autoestima das crianças yanomami.

TRAJETÓRIA: DE *IHIRU* A ADULTO

Hoje em dia os Yanomami estão querendo avançar na educação formal. Quando eu vivia uma vida de infância, o meu pai e a minha mãe não sabiam dialogar com a educação do *napē*. Onde viviam não havia falante da língua do homem “branco”. Pensavam que eu era o “pensamento do futuro de aprendizagens”. O meu estudo seria o desenvolvimento do mundo do pensamento dos espíritos da natureza científica da minha realidade, da minha língua yanomami¹⁵.

Quando eu entrei na escola, aos 10 anos de idade, comecei como aluno, no ano de 1995, com a irmã professora Teresinha Bueno, da 1ª a 4ª série. Com essa professora, muito corajosa, ensinava os filhos yanomami, aplicando o seu

aqui: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>

¹² Hekura kēpē é uma categoria fundamental para o entendimento do xamanismo do povo Yanomami que vive no rio Marauíá. Essa categoria é muito conhecida como Xapiri, por meio do bestseller *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Mesmo compartilhando a língua e a autodenominação de Yanomami, há, de maneira muito geral, três grupos de yanomami principais que possuem língua, pronúncia, categorias epistemológicas, rituais e costumes diferenciados e que devem ser entendidos em suas especificidades. Basicamente há os yanomami de Maturacá, no município de São Gabriel da Cachoeira; há os yanomami do rio Marauíá, no município de Santa Isabel do Rio Negro; e por fim, há os yanomami de Roraima.

¹³ Essa ideia de “harmonia com o ambiente natural” não deveria ser romantizada, esses conhecimentos são para garantir conforto diante das demandas da floresta.

¹⁴ Estamos dialogando sobre o uso desse termo. Edinho busca garantir a continuidade das tradições de seu povo. Portanto, pode-se substituir “preservação” por “continuidade”. Há uma queixa geral entre os professores, que a língua está mudando. Mas é unânime que a língua não está acabando.

¹⁵ Edinho aqui se refere aos conhecimentos e cosmovisão do seu povo. Nas aulas e orientações, foi instruída uma visão simétrica entre a ciência e os conhecimentos dos *hekura kēpē*. Como dito na introdução, um dos fundamentos para esse argumento é a obra *O Pensamento Selvagem* de Levi-Strauss (1990).

conhecimento, a sua metodologia de ensino baseada na sua educação formal.

Naquele tempo era assim, não tinha o ensinamento sobre a língua yanomami na escola. Sempre nós, alunos yanomami, recebíamos a educação formal. Passei muita a dificuldades, pois não tinha o conhecimento de falar na língua portuguesa e sempre ficava com muito medo. Quando a professora Teresinha pedia a leitura nos livros, ficava para baixo a minha cabeça. Os outros colegas já sabiam ler, mas eu não conseguia de primeira. Ela mandava fazer os trabalhos e tarefas. Eu quase não respondia os exercícios, sempre o meu caderno ficava em branco.

Depois de 1997, consegui avançar um pouco na leitura e escrevia cada vez mais. Assim, fui conseguindo pegar a informação do outro conhecimento da educação, onde o *napë* aprende de maneira formal, acadêmico¹⁶. No meu estudo, eu proponho que não tem comparação a língua-epistemologia yanomami com a educação formal. Mas foi minha trajetória, fui levado à desconstrução de mudar a minha vida de jovem yanomami para a nova visão do mundo *napë* – “ocidental”, da sociedade brasileira.

Além dessa forma, quando os professores não indígenas não permitiam a falar nossa língua yanomami na escola, tinha que falar tudo na língua portuguesa na sala de aula. Nesse tempo (por volta de 1997), ninguém sabia as consequências de desaprender a língua yanomami, e o que traria de coisas ruins depois, na vida dos coletivos dos moradores do rio Marauíá.

Mesmo assim, sempre ela falava que quando eu crescesse ajudaria a minha realidade. Ao mesmo tempo, na nossa escola Estadual Indígena Sagrada Família, no *xapono Pohoroá*, eu fiquei aprendendo o mundo do homem “branco” de ensino, da qualidade de vida, da academia.

A partir dessa experiência, reflito sobre a língua materna no *xapono* que habito desde criança, dos yanomami de *Pohoroá*. Qual a importância da fala do *ihiru*? Como é a aprendizagem no mundo do *ihiru*? Como produzir os materiais sobre a língua yanomami? Estou preocupado em saber como o *ihiru* aprende o mundo hoje em dia. Esta preocupação, vinha desde que comecei a observar a fala do *ihiru* na vida cotidiana yanomami. Eram as bases para essa fala inicial: a cultura, a observação e a imitação.

¹⁶ Penso que Edinho está buscando tecer uma crítica à metodologia educacional da escola formal e tem clareza da sua “desconstrução” como *ihiru* yanomami.

Busco, embasado em uma trajetória de enfrentar as necessidades de uma perspectiva dos pensamentos e tradições do meu povo, enriquecer a cultura *yanomami*. Para isso, preciso entender como que era antes do mundo presente. Os povos *yanomami* ensinam, na educação indígena que aprendemos com nossos pais, que recebemos a educação em casa e fora da casa, nas práticas do cotidiano e na oralidade. Tudo que o povo faz, as crianças sabem fazer. Isso é a aprendizagem dos *ihiru*.

Povo indígena *yanomami* pratica a educação por meio da transmissão oral de conhecimentos e tradições, de geração em geração. Eles têm um sistema de educação baseado na observação e na participação ativa das crianças nas atividades cotidianas da comunidade. Através da observação e da prática, junto aos membros mais velhos da comunidade, as crianças aprendem habilidades práticas culturais na língua *yanomami*: como se fala o dialeto *waika karina*, a caça, a pesca, a coleta de alimentos e a confecção de objetos.

Além disso, os *yanomami* tem seus próprios rituais e cerimoniais xamânicos, que desempenham um papel central na transmissão de conhecimentos espirituais e de cura. Os jovens *ihiru* são iniciados nesses rituais ao longo de seu tempo de desenvolvimento, aprendendo a interpretar sonhos, a se comunicar com espíritos e a usar ervas medicinais.

Além dessa experiência, para aprender um pouco sobre a língua do povo *Yanomami* de *Pohoroá*, também se pode explorar fontes acadêmicas, livros, artigos e documentários que abordam nossa cultura, história e as pesquisas realizadas em nossas comunidades¹⁷. Recursos de antropologia, etnografia e estudos indígenas podem oferecer valiosos dados. Essa língua é vital para a transmissão da cultura e tradições dos *Yanomami*.

Abrangendo partes do Brasil e da Venezuela, o desenvolvimento de línguas *yanomami*, como o *waika karina*, é resultado da interação entre vários *xapono* ao longo das gerações, moldada por fatores culturais, geográficos e históricos. O *yanomami* se desenvolveu organicamente dentro da aldeia, adaptando-se às necessidades e experiências específicas desse grupo étnico ao longo do tempo.

A vida social é central para os *Yanomami*, e suas práticas culturais, no entanto enfrentam desafios significativos, como o desmatamento e doenças

¹⁷ Como fonte para esses dados, Edinho recomenda o trabalho de mestrado de Tamara Miranda (2020)

introduzidas pelo *napë*. Este fenômeno da relação do contato com o mundo exterior representa algo significativo para a preservação de nossa cultura. Programas de apoio à autonomia indígena e à proteção de suas terras são essenciais para ajudar na continuidade das tradições yanomami. Por exemplo, dentre outras coisas, o contato afeta a nossa moradia, a construção de malocas grandes chamadas *xapono*, estruturas circulares construídas com materiais naturais da região, como madeira e palha de natureza: isso é feito através do pensamento do conhecimento tradicional yanomami¹⁸.

A PRIMEIRA VEZ DOS *IHIRU* NA ESCOLA

A metodologia utilizada entre as famílias yanomami é sempre estar acompanhada do *ihiru*. As primeiras palavras são ensinadas principalmente em casa, com a oralidade. A experiência também permite que os *ihiru* experimentem diferentes situações, enfrentem desafios, tomem decisões e aprendam com os resultados. Isso contribui para o crescimento pessoal, a construção de confiança e a capacidade de lidar com situações do mundo yanomami.

Quando uma criança yanomami vai à escola pela primeira vez, é uma experiência nova e emocionante para ela. A escola é um ambiente diferente do que ela está acostumada. Com novas pessoas, rotinas e atividades, a criança já entra com a experiência do conhecimento tradicional, apreendido em sua comunidade.

Antes de entrar na escola, a criança já sabe muito bem sobre o conhecimento que já foi educada na sua casa, com sua família. A vida da criança yanomami, na primeira vez na escola, aprende novas coisas “modernas” que não conhecem. A escola desenvolve um conhecimento formal com a educação do mundo moderno. Hoje em dia, aos *ihiru*, precisa-se levar uma nova visão para desenvolver a língua yanomami em uma escola que está se esforçando para uma caracterização de valorização da sua cultura e da sua língua waika karina.

Nesse contexto, é importante que a escola e os educadores estejam preparados para receber as crianças yanomami de forma acolhedora e

¹⁸ Edinho parece se referir que o *xapono* é a manifestação da própria epistemologia yanomami e a língua yanomami tem papel fundamental para produção dos conhecimentos yanomami.

respeitosa, levando em consideração suas diversas formas de cultura, língua e experiências prévias no mundo dos *ihiru*. Aqui estão algumas considerações importantes:

1. O *ihiru* sempre leva a sua experiência de vida para a escola, formado pela oralidade, ele possui muita experiência de conhecimento que está no nível das crianças.
2. Conhecem bem os nomes dos animais, as frutas, os peixes e as plantas, a criança leva isso para a escola, desde a primeira a entrada da escola. Vai indo aprendendo cada vez mais depois.
3. É fundamental que os educadores tenham algum conhecimento básico da língua yanomami ou tenham acesso a um intérprete para facilitar a comunicação inicial com as crianças. Isso ajudará a estabelecer uma conexão e a experiência de conhecimento de comunicações transmitir informações de forma clara. Esta forma tem o objetivo de sugerir como os educadores podem preparar o conhecimento que os *ihiru* já conhecem, assim fica mais fácil de ampliar do pensamento dos *ihiru*.
4. É recomendado que a criança yanomami tenha um período de adaptação gradual à escola, permitindo que ela se familiarize com o ambiente, as pessoas e as rotinas aos poucos. Isso pode ajudar a reduzir a ansiedade e promover uma transição mais suave.
5. Valorização da cultura: É importante que a escola valorize e respeite a cultura da realidade yanomami, reconhecendo e incorporando elementos culturais em seus desafios de práticas educacionais. Isso pode incluir a incorporação de histórias, rituais, músicas, danças e outros aspectos da cultura yanomami no currículo e nas atividades escolares.
6. A interação com outros alunos: Encorajar a interação entre as crianças yanomami e os outros alunos da escola pode ajudar a promover a inclusão e a construção de relacionamentos positivos. Isso pode ser feito por meio de atividades em grupo, jogos cooperativos e projetos colaborativos.
7. Respeito às diferenças: É essencial que a escola promova um ambiente inclusivo e respeitoso, onde as diferenças culturais e linguísticas sejam valorizadas. Os educadores devem estar abertos a aprender com as crianças yanomami e a adaptar suas práticas pedagógicas para atender às suas necessidades específicas.

Em resumo, primeira vez que uma criança yanomami vai à escola é um momento importante de transição¹⁹. A escola deve estar preparada para receber as crianças de forma acolhedora, respeitando sua cultura e língua, e promovendo uma educação inclusiva. O *ihiru* yanomami leva um tempo para aprender as primeiras palavras na língua da escola (o português). Quando o seu professor passa as atividades, o aluno não quer responder nas suas tarefas por que não tem o conhecimento ainda para escrever e ler. Essa forma é um pouco difícil para eles no início, então vão aprendendo somente devagar. Falta compreender a narrativa da língua *napé*, mesmo assim vão continuando enfrentando a dificuldade.

METODOLOGIA UTILIZADA NA ESCOLA COM OS *IHIRU*

Na comunidade *Pohoroá*, a escola que muitos alunos frequentam possui um total de 79 crianças matriculadas. Quando me tornei professor, fiz uma música na língua *yanomami* para trabalhar na escola com as crianças que não dominavam ler e escrever na língua materna. A metodologia que eu escolhi, utiliza jogos, brincadeiras, músicas e atividades divertidas para engajar as crianças no processo de aprendizagem. Os jogos podem ser projetados para reforçar conceitos, desenvolver habilidades específicas ou promover a resolução de problemas. A aprendizagem lúdica, como no caso da música a seguir, estimula a motivação intrínseca das crianças, tornando o processo de aprendizagem mais envolvente e prazeroso.

É importante adaptar a metodologia às características e necessidades das crianças, levando em consideração fatores como idade, interesses, habilidades e contexto. Além disso, é fundamental que a metodologia seja flexível e permita a relação de participação ativa das crianças no processo de aprendizagem. A seguir, descrevo um exemplo da minha metodologia.

Trabalho com meus alunos do 1º ao 5º ano, a partir de 6 anos de idade, do ensino fundamental. Com essa metodologia, sempre recebia e acolhia os estudantes. Depois que chegavam todos os alunos na minha sala de aula, iniciava uma música que os *ihiru* gostavam muito de cantar.

¹⁹ Edinho parece ter bem claro que a escola é um lugar de desconstrução do mundo yanomami. Representa uma interface com um outro mundo, o mundo dos *napé*.

Primeiro, nós cantávamos na nossa língua para que o *ihiru* tivesse o direito de aprender a dominar e falar a língua yanomami e depois fazia a tradução para a língua portuguesa. Como sempre anima a música, desperta o interesse, para que os *ihiru* conheçam e dominem a escrita e a leitura. Assim foi o pensamento de uma criatividade para fortalecer, perante os alunos, e aprofundar a experiência de conhecimento na vida dos alunos da escola Estadual Indígena Sagrada Família - Puriwa.

Música: Yanomami kuaai (Índio engraçado)²⁰

Autor: Edinho Yarimina Xamatari

Língua Yanomami

Yanomami kuaai moheki oni oni,
Kahë wa waiteri kirii të kuami,
{Tom, tom, tom}.

Aë, aë, aë

Wa përia urihi ha yaro pë
miamoha,

Hii hipë mau pë ai të xoa

Língua portuguesa

O índio engraçado da cara pintada
você é valente não tem medo de nada
{Tom, tom, tom}.

Aë, aë ,aë

Você mora no mato, no meio de

animais, árvore e os rios e outras coisas
mais

PENSAMENTO YANOMAMI NA CIÊNCIA

Os yanomami têm uma visão única e particular em relação à ciência. Sua cosmovisão é baseada em uma compreensão profunda e interconectada do mundo natural e espiritual. De aspectos dos pensamentos yanomami em ciência: têm uma forte conexão com a natureza e acreditam que todos os seres vivos e elementos do ambiente estão interligados. Eles veem a natureza como um sistema complexo e interdependente, onde cada elemento desempenha um papel importante. O conhecimento tradicional os yanomami possui um vasto repertório sobre o ambiente natural, incluindo medicinais, técnicas de caça,

²⁰ Edinho traduz yanomami por índio.

pesca, e padrões climáticos.

Esse conhecimento é transmitido oralmente, de geração em geração, e é considerado uma forma de ciência indígena yanomami. A “espiritualidade” e xamanismo desempenha um papel central na vida dos yanomami. Eles acreditam que os espíritos estão presente em todos os aspectos da natureza e que os xamas têm a capacidade de se comunicar com esses espíritos.

Os xamãs desempenham um papel importante na cura, na previsão do clima e em outras práticas relacionadas à ciência dos *napepë*. São eles observadores atentos do ambiente natural ao seu redor. Os *hekurapë*, pajés yanomami, aprendem sobre o mundo através dos pensamentos, da observação cuidadosa e da experimentação prática. Com isso, o *hekura* conhece todo lugar, como por exemplo: as montanhas, os rios, a cachoeira, nas serras e no céu. Os yanomami buscam os espíritos no seu pensamento²¹, onde e em qual lugar-ambiente o *hekura* existe.

Em uma conversa, os pajés convidam o *hekura* que é melhor, que é curador de gente. Os espíritos chegam neles, então eles podem fazer a cura da pessoa doente. Assim funciona a ciência para os povos yanomami. Esta é a relação dos pajés sobre a importância que os yanomami atribuem aos *hekurapë*, por meio de prática xamânicas e rituais específicos.

Quem não é pajé não consegue ver o *hekura*. Essas práticas envolvem o uso de substâncias sagradas, como *ëpena*, *yakoa*, *pararo* e *maxahara*, combinados com cantos, danças e outros elementos rituais. Durante esses rituais, os pajés entram em transe ou estados alterados de consciência, permitindo que se conectem com os *hekurapë*²².

Eles acreditam que, nesses estados, são capazes de se comunicar com os espíritos e receber orientação²³, cura e proteção para si mesmo e para a comunidade. Os pajés podem receber diferentes tipos de espíritos durante essas práticas, incluindo espíritos de animais, espírito ancestrais e espírito da natureza. Cada tipo de espírito pode trazer conhecimento específicos, habilidade de cura e orientações para os pajés.

É importante ressaltar que essas práticas são sagradas e fazem parte da

²¹ O pensamento (*puhi*), portanto, é o meio de acessar os *hekura*, que conhecem todos os ambientes e relações entre os elementos da natureza.

²² São descritos como criaturas de 15 cm e altamente coloridas, conforme Gonçalves e Tremembé (2023).

²³ Os *hekura*-espíritos orientam, assim como um doutor orienta um mestre, os *hekura*-pajés. Os *hekura*-pajés orientam os pajés novatos para ganhar autonomia no contato com os *hekura*-espíritos.

cultura yanomami. Os pajés são considerados líderes espirituais, curandeiros e conhecedores. A função deles é respeitada e valorizada pela comunidade Pohoroá. A comunicação com os *hekurapë* é vista como uma forma de obter sabedoria e orientação para o bem-estar do *xapono Pohoroá*.

PENSAMENTO YANOMAMI NA CIÊNCIA

Os yanomami têm uma visão única e particular em relação à ciência. Sua cosmovisão é baseada em uma compreensão profunda e interconectada do mundo natural e espiritual. Um aspecto relevante do pensamento yanomami em ciência: têm uma forte conexão com a natureza e acreditam que todos os seres vivos e elementos do ambiente estão interligados. Eles veem a natureza como um sistema complexo e interdependente, onde cada elemento desempenha um papel importante. O conhecimento tradicional os yanomami possui um vasto saber sobre o ambiente natural, incluindo medicinais, técnicas de caça e pesca, e padrões climáticos.

Esse conhecimento é transmitido oralmente de geração em geração e é considerado uma forma de ciência indígena yanomami. A espiritualidade²⁴ e o xamanismo desempenham um papel central na vida dos yanomami. Eles acreditam que os *hekura* (espíritos) estão presente em todos os aspectos da natureza²⁵.

São os xamãs (também chamados de *hekura*) que têm a capacidade de se comunicar com esses espíritos. Os xamãs desempenham um papel importante na cura, na previsão do clima e em outras práticas relacionadas à ciência *napë*. São eles observadores atentos do ambiente natural ao seu redor²⁶. Os pajés/xamãs yanomami aprendem sobre o mundo através do *puhi* (pensamento) e da observação cuidadosa - da experimentação prática. Com isso o *hekura* conhece e sabe produzir conhecimento a partir de todo lugar, como: nas montanhas, nos rios, na cachoeira nas serras e no céu. Para isso, os xamãs buscam os espíritos no seu pensamento e vão ao encontro do *hekura* do lugar.

E os pajés convidam o *hekura* mais poderoso – que é curador da gente. Os espíritos chegam nele. Somente a partir disso, é que ele pode fazer a cura

²⁴ Melhor seria a *hekuralidade*. A ideia de espírito e de *hekura* são parecidas, mas não são a mesma coisa.

²⁵ Por exemplo, essa é uma diferença básica da ideia de espírito platônica-cristã.

²⁶ E metafísico.

da pessoa doente. Isso é a ciência para os povos yanomami. Esta em relação ao conhecimento dos pajés, que eles recebem sempre dos *hekura*-espírito. por meio de prática xamânicas e rituais específicos.

Quem não é pajé não pode conseguir ver o *hekura*. Essas práticas envolvem o uso de substâncias sagradas, como: *ëpena*, *yakoa*, *pararo* e *maxahara*, além de cantos, danças e outros elementos rituais. Durante esses rituais *hekuramou*, os pajés entram em transe ou estados alterados de consciência, permitindo que se conectem com os *hekura*-espíritos. Os Yanomami acreditam que, nesses estados de consciência, os *hekura*-pajés são capazes de se comunicar com os “espíritos” e receber orientação, cura e proteção para si mesmo e para a comunidade.

Os pajés podem receber e conversar com diferentes tipos de espíritos durante essas práticas, incluindo espíritos de animais, espírito ancestrais e espírito da natureza (serras, rios, cachoeiras). Cada tipo de espírito pode trazer conhecimentos específicos, habilidades de cura e orientações para os pajés. É importante ressaltar que essas práticas são sagradas e fazem parte da espiritualidade e da cultura yanomami. Os pajés são considerados líderes espirituais e curandeiros, e seu papel é respeitado e valorizado pela comunidade *Pohoroá*. A comunicação com os *hekura*-espíritos é vista como uma forma de obter sabedoria e orientação para o bem-estar do Xapono Pohoroá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música citada acima, os alunos cantavam na língua yanomami (*waika karinã*), também cantavam na tradução para o português. Essa metodologia envolve a realização de projetos ou atividades pedagógicas e está em convergência com as cantorias dos *hekurapë*. Sempre realizava essas práticas na sala de aula e fora da sala, que permitem às crianças explorar e aplicar o conhecimento de forma significativa, isso é, o pensamento yanomami.

Isso permite que, incentivando a investigação, a colaboração e a criatividade com a metodologia bilíngue, os *ihiru* recebam formação adequada, promovendo a compreensão da cultura associada a cada língua yanomami. Assim, as crianças de *Pohoroá* podem incorporar elementos culturais, como literatura, música, tradições e costumes, nas atividades e materiais de

ensino. Além disso, é necessário repassar para as crianças os conhecimentos básicos sobre a ciência yanomami do *hekura*.

Isso ajuda os alunos a desenvolverem uma apreciação e respeito pelas diferenças mais importantes da cultura, representadas pelas línguas yanomami, ensinada para as crianças na aldeia, na escola e fora da sala de aula. Assim pode se levar, na metodologia de ensino, a língua yanomami para as nossas crianças.

Foi assim que mais se cativou os *ihiru* yanomami na escola. Para que vai se esquecer o conhecimento científico da realidade da alma da natureza? A todo tempo, a criança recebe a educação, no campo ou no espaço. A aprendizagem dos *ihiru* e *suëhiru*, a cada dia, procura, o intelectual, a aprimorar o entendimento para conscientizar sobre nosso momento atual.

Isso está passando para a nova geração. Os *ihiru* e *suëhiru* não deveria esquecer a educação yanomami que os pais já passam antes de eles irem à escola: são também conhecimento científico yanomami e possui a sua metodologia de ensino. Através da experiência, as pessoas têm a oportunidade de aplicar o conhecimento teórico na prática, adquirir habilidades, desenvolver competências e obter uma compreensão mais profunda de determinado assunto. No contexto da educação yanomami, a experiência é fundamental para o processo de aprendizagem²⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida (org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico* – São Paulo: Editora UNESP:, 2002.

ALBERT, Bruce. “Situação do garimpo na bacia do rio Demini (Amazonas)” e “Garimpo e malária na área do alto Tototobi (Amazonas)” . *Bolentim Urihi*, São Paulo, n. 14, CCPY. 1991.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *Xawara: O ouro Canibal e a queda do céu- Depoimento de Davi Kopenawa*”. In: *Yanomami: A todos os povos da terra*. São Paulo: Ação pela Cidadania, 1990. Pp11-4.

²⁷ Esse aspecto da metodologia dos *hekura*-pajés deve ser ressaltado, visto que são se trata apenas de um conhecimento intuitivo. Também faz parte desse arcabouço de conhecimento, muita prática e experimentação na floresta em uma continuidade geracional a perder de vista. Para perceber isso, no relato impressionante de Helena Valero (Biocca, 1970, p. 67-70), em que se prepara o curare em duas etapas, fazendo testes “biológicos”, “químicos” e “físicos”. Pode-se supor que essa fórmula é aperfeiçoada há muitos anos.

ALBERT, Bruce; LE TOURNEAU, François- Michel, “Florestas nacionais na Terra Indígena Yanomami: Um cavalo de Troia ambiental?” In: Terras Indígenas & unidade de conservação da natureza. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. Pp. 372-83.

ALÈS, Catherine. “La horticultura Yanomami y la problemática de los médios de sabanas en la Amazonía Venezolana “ . In: ALÈS, Catherine; CHIAPPINO, Jean (Orgs.). Caminos cruzados: Ensayos em antropologia social, etnología y etnoeducación. Caracas: IRD; Universidades de los Andes (Gial), 2003.pp. 389-421,

BIOCCA, Ettore. Yanoáma: the narrative of a white girl kidnapped by amazonian indians. New York: Dutton, 1970.

EMIRI, Loretta. Dicionário yãnomanè, português:(dialeto wakathautheri). Comissão Pro-Índio de Roraima, 1987.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 2. Ed. SP: Altas, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Pensamento Selvagem (o). Papirus Editora, 1990.
LIZOT, Jacques. Dicionario enciclopédico de la lengua yãnomãmi. Puerto Ayacucho: Vicariato Apostólico, 2004.

MAIA DE CASTRO LIMA, E. R.; MARTINS VALLE, R. Cosmogonia do grupo parahiteri: Transmissão oral e registro escrito nos Xapono Yanomami. Estação Literária, [S. l.], v. 24, p. 38–47, 2020. DOI: 10.5433/el.2019v24.e38224.
Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/38224>.
Acesso em: 1 fev. 2024.

MIRANDA, Tamara Aparecida. Os Yanomami do Rio Maraujá: trajetória e contato. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2020.

PARAHITERI, Pajés. Os Comedores de Terra. Tradução e Organização de Anne Ballester. São Paulo: Editora Hedra, 2022.

RAMIREZ, Henri. Hapa të pë rë kuonowei: mitologia Yanomami. Manaus, AM. Edição: Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia. 1993. 237p.

RAMIREZ, Henri. Le parle des Xamatautëri. Thèse de Doctorat. Aix-en-Provence: Université d'Aix-en-Provence, 1994.

RAMOS, Alcida Rita 1990. Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/UnB.

REZENDE, J.S. Crianças Indígenas de Iauareté: Fortalecimento das identidades e diferenças. In: NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Antonio H. Aguilera (org.). Criança Indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais. Brasília: Liber Livro, 2011.

SANTOS, Antonio Nêgo Bispo. Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia fórum do livro Uma Ecologia Decolonial. São Paulo: FFLCH-USP, 2023. Disponível em : <https://www.fflch.usp.br/47115>

SOUSA, Paulo Roberto de. Evolução Das Espécies e a Inversão Antropológica: Um Olhar Para Além Dos Paradigmas Científico e Criacionista. Comunicação oral. VI REA-Reunião Equatorial de Antropologia. Salvador, Bahia, 2019.

SOUSA. Mito e Ethos entre os Yanomami de Xitipapiwei. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, 2010.